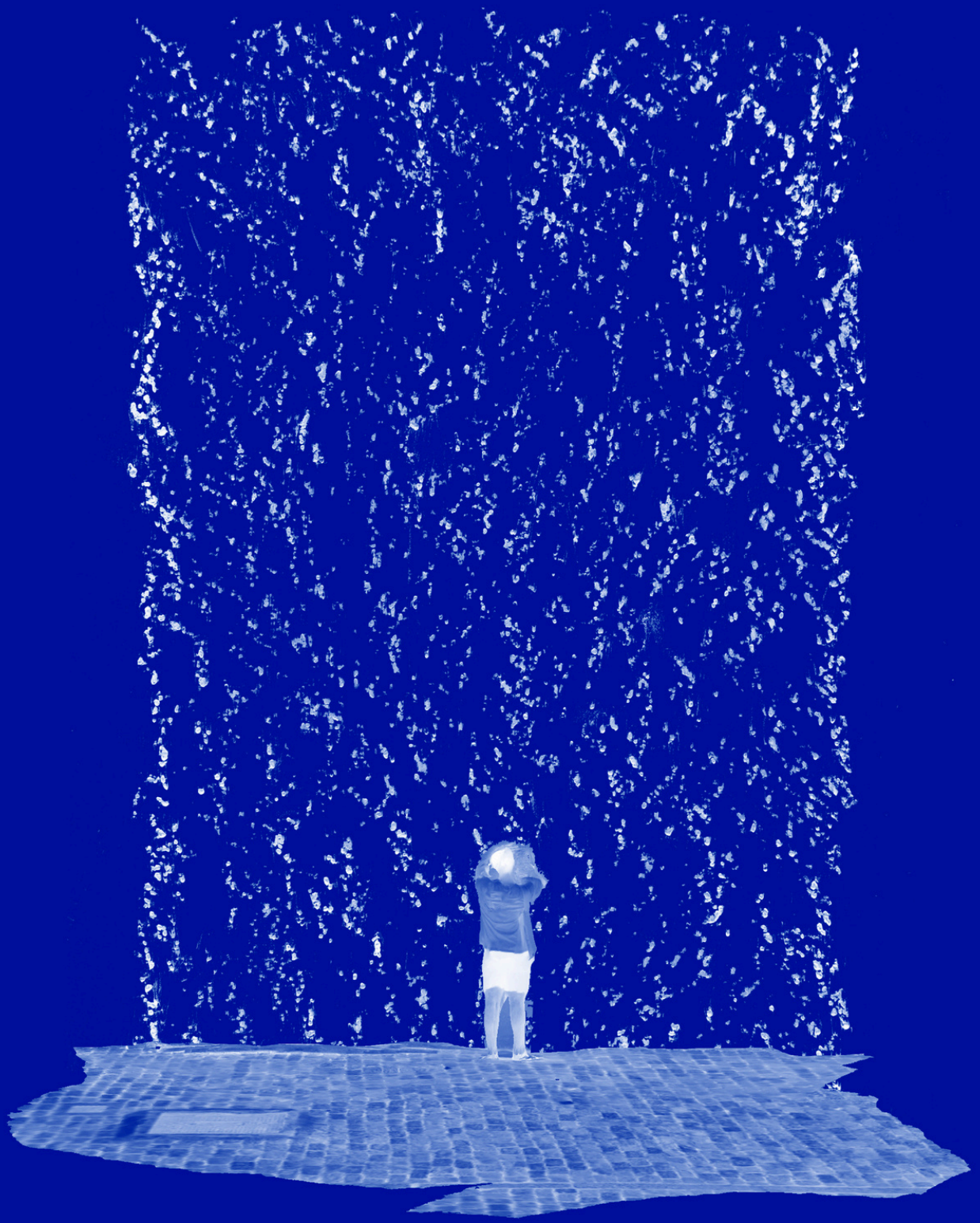
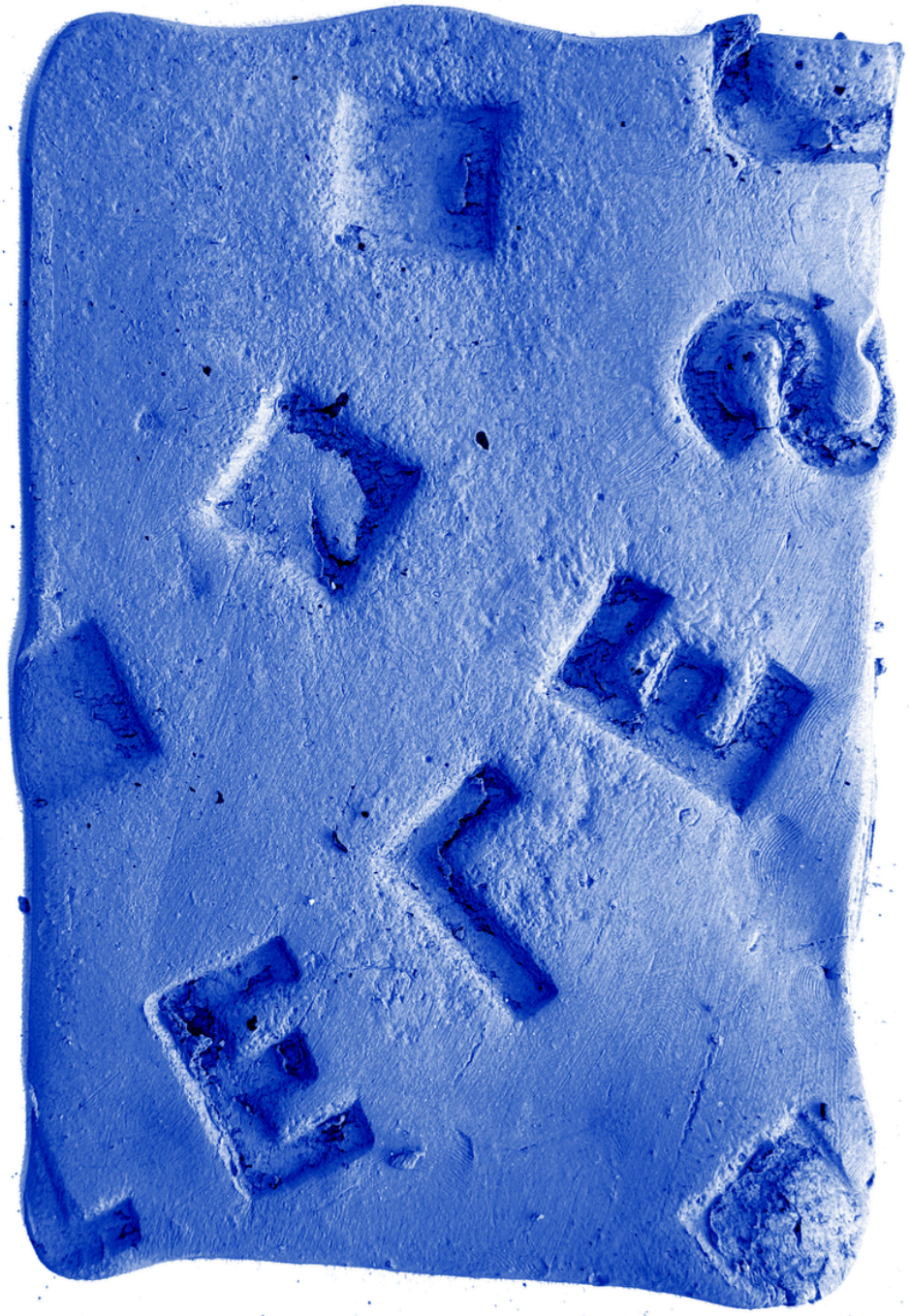
PEQUENO

IN(TER)VENTÁRIO

DE TEXTURAS URBANAS



Rodrigo Gonçalves
Otávio Hünttemann Martendal
Matheus Santos de Souza



PEQUENO
IN(TER)VENTÁRIO
DE TEXTURAS URBANAS

Rodrigo Gonçalves
Otávio Hünttemann Martendal
Matheus Santos de Souza

com textos de Luize Andreazza Bussi e Vinicios Nalin
e uma oficina com Isabela Sielski

In(ter)ventariar é uma (re)ação de coletar, enumerar e descrever entre os parênteses da vida urbana as potências do plano do chão encarando-o como plano de in(ter)venção. É (re)agir na cidade por meio do corpo sensível de quem a caminha e a percebe, lançando um convite para compartilhar o simples ato de voltar-se às coisas chãs e delas buscar fugas para seus processos de criação.

In(ter)ventário é um produto. In(ter)ventariar é um processo. Preferimos processos. Assim, leia essa publicação como se fosse ler o meio e não o fim. Experimente-se num gerúndio pois ele é o que melhor pode definir um processo de criação.

SUMÁRIO

06. **Olhar o chão para rever o que estamos fazendo com o céu**
Rodrigo Gonçalves

08. **Textossiturizar: captar a tessitura que se apresenta nas texturas e expressá-las em texto.**
Luize Andreazza Bussl

10. **Quantos chãos cabem em uma cidade?**
Vinicios Nalin

12. **O urbano de outra perspectiva, percepção redesenhada**
Matheus Santos de Souza

57. **De uma intimidade com o chão surgem processos de criação de texturas urbanas em cores**

79. **Uma elaboração das camadas da cidade em aguadas sobre fragmentos de texturas urbanas**

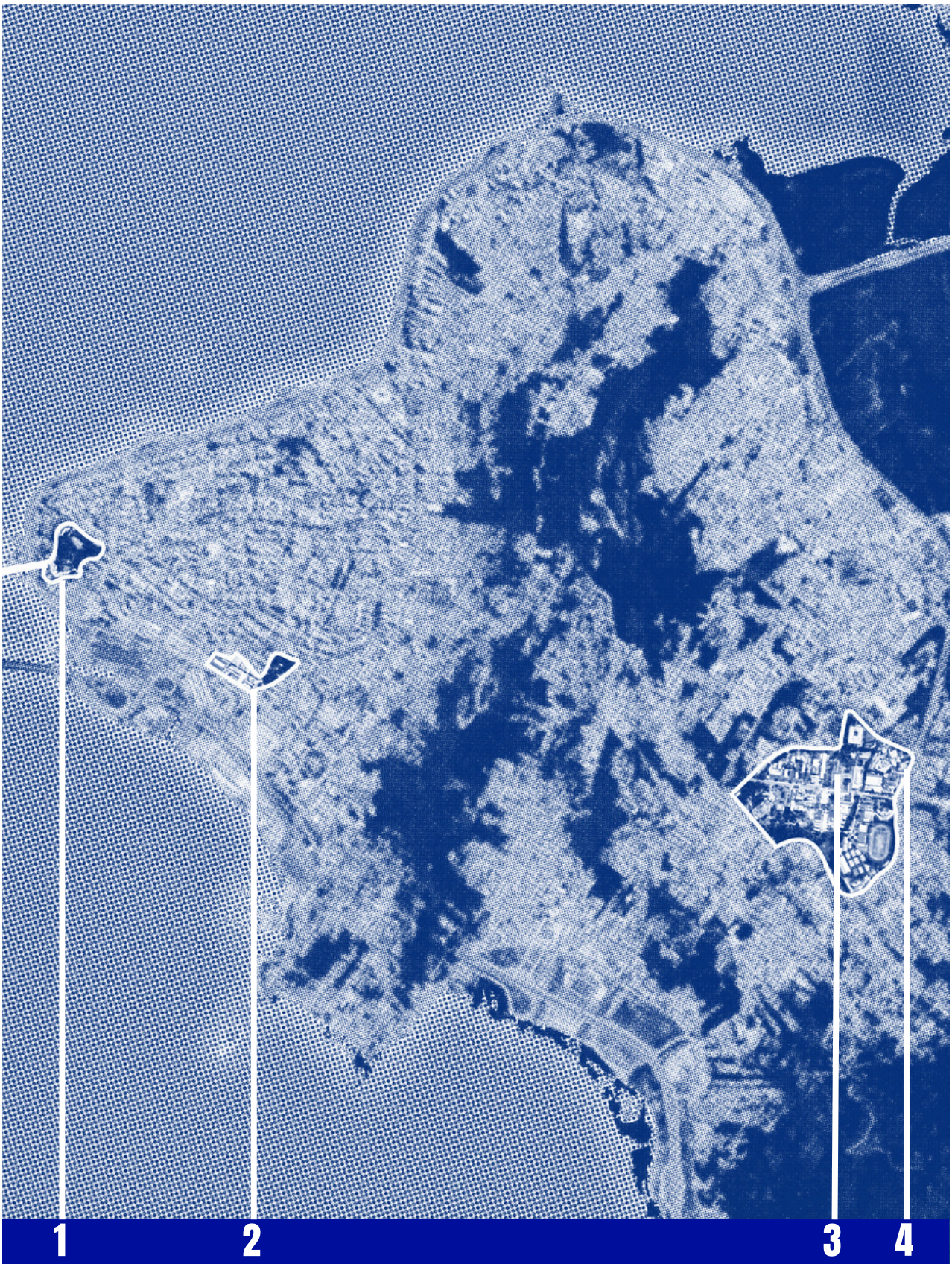
93. **Ampliando o campo e experimentando materialidades: placas cerâmicas como suporte para captura das texturas da cidade**
Oficina ministrada por Isabela Sielski

113. **Oficinas**

118. **Ficha técnica**

119. **Sobre os/as autores/as**

PONTOS DE INVESTIGAÇÃO



1 Ponte Hercilio Luz
2 Largo da Alfandega
3 Praça da Cidadania
4 Pavilinho da ARQ

0 400 1.200M

FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

Olhar o chão para rever o que estamos fazendo com o céu

Rodrigo Gonçalves

Colecionar texturas urbanas. Perceber a cidade para além do que se apresenta. Rever a espetacularização de cartões (ditos) postais. Esse movimentos podem ser os grandes motivadores para o desenvolvimento das ações que realizamos ao longo de 2024 no Ateliê de In(ter)venções Urbanas, um projeto de extensão coordenado por Rodrigo Gonçalves e com a participação de Otávio Hünttemann Martendal e Matheus Santos de Souza, realizado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. O caminhar aqui apresenta-se com outra potência. A potência do chão que revela-se aos nossos olhos os quais estão condicionados a olharem (quando olham) apenas para cima ou para telas em nossas mãos. O que nos propusemos foi simplesmente voltar nossos olhos para o chão e se vincular às texturas desse plano tão fundamental para nossa existência, o plano que nos suporta, o plano que recebe todo nossa resistência em relação à gravidade. O mesmo chão (que ora transforma-se momentaneamente em parede, suporte vertical) está impregnado de história, camadas de vivências de outrora, pistas do que já por aqui aconteceu.

Em tempos de imediatismos, crises das mais diversas, intolerâncias às mais variadas formas de existir, voltar-se ao chão pode ser um momento de introspecção e tomada de novas decisões acerca do que nos ronda, dos perigos de continuarmos espetacularizando as cidades e desvalorizando a diversidade dos processos urbanos contemporâneos. Olhar para o chão da cidade e coletar suas texturas nos convida a desacelerar e esquecer o instagramável, pois, afinal, o chão não parece nada nobre para postagens em redes sociais. Não conseguimos tirar selfies aos rés do chão. Didi-Huberman em seu livro Cascas nos traz a expressão “coisas chãs” a qual norteou o grande impulso dessa pesquisa artística que ora se apresenta. Nas ações que propusemos e se desenrolaram na cidade de Florianópolis tínhamos a intenção de voltarmos para o chão e por meio de frotagens com crayon sobre papel sulfite capturar as texturas que nos chamassem a atenção gerando sobre uma folha A3 monotipias urbanas. Consistia numa ação simples de copiar a textura. Mas é nessa simplicidade das “coisas chãs” a qual se refere Didi-Huberman que s evelam histórias no/do chão urbano e de nosso vínculo com essa narrativa-camada encontrada no chão. A partir daí, cada pessoa envolvida na ação de frotar o chão para registrar o enquadramento de seu olhar trazia a riqueza de sua percepção acerca do próprio chão. Arrisco-me a dizer que tentávamos discorrer, a cada oficina em diferentes lugares do centro de Florianópolis, sobre uma fenomenologia do chão, descrevendo as coisas chãs e traçando a partir daí vínculos entre as pessoas participantes e a cidade. Olhar para o chão e agachar para coletar a textura friccionando o crayon sobre o papel gerava uma suspensão temporal, um momento de meditação e vinculação ao chão da cidade, uma espécie de oração urbana. A cena frequente das oficinas era a de pessoas ajoelhadas friccionando o chão em movimentos ritmados. Era um contato de dois corpos - o de quem friccionava o crayon e a própria cidade que era friccionada - gerando um novo corpo registrado no papel. Muitas vezes esse mesmo papel já estava marcado com texturas de outros pontos de contato, gerando assim, por meio dessas sobreposições, peles possíveis para uma leitura do ambiente

urbano. Ao começar a gravar, com o papel e o giz na mão, parecia que os sentidos ficavam apenas no campo da visão e do tato, pouco importando com quem ou o que estivesse à sua volta.

Ao final da quase uma hora de oficina, nos reunimos com os participantes e debatemos um pouco. Do debate, o mais instigante para mim foi ver como a percepção de cada um muda de acordo com a bagagem que ela traz consigo para oficina, como se os materiais fossem além do giz e do papel. Um psicólogo que participou da oficina nos fez pensar sobre a pressão que cada pessoa coloca em cima de cada gravação, relacionando o sentimento da pessoa diretamente com a superfície que estava sendo marcada ali. De certa forma, o que estávamos fazendo nessa oficina nada mais era do que um registro das cicatrizes do local. Marcas do tempo que não necessariamente lembramos como fizemos, mas que a cicatriz continua ali.

[Otávio Hünttemann Martendal, trecho de seu diário de bordo]

Havia entre nós que concebemos a ação a ideia de trazer uma sensibilização acerca da cidade, dar a ver processos de subjetivação sobre o que nos afeta quando estamos nos desacelerando numa cidade tão pouco vista com olhos lentos, olhos de coisas chãs. Os olhares curiosos dos que passavam me chamaram atenção. Algumas pessoas chegaram a nos perguntar do que se tratava ou simplesmente pararam para ouvir ou observar a dinâmica. Chamou atenção também a relação com as crianças: enfim conseguimos a participação infantil, foi de um menino, a princípio um pouco tímido, mas que logo se sentiu à vontade para coletar umas cinco texturas. Também gostei da maneira que os participantes acabaram se distribuindo pelo centro, saindo do entorno da Alfândega e explorando as ruas Trajano, Conselheiro Mafra e Praça XV. Destaco a utilização do giz colorido, a sobreposição de cores em alguns trabalhos e a expressividade que ganharam.

[Matheus Santos de Souza, trecho de seu diário de bordo]

Desdobramentos foram se apresentando, e de folhas sulfites fomos para placas cerâmicas as quais serviram de suportes para registrar o chão e suas texturas e histórias. Na cerâmica o contato com a terra e a modelagem do barro evidenciavam essa "coisa chã", esse ajoelhar-se perante à terra e contemplar uma narrativa silenciosa daquilo que o chão captou e que em nosso processo de subjetivação imprimiu-se em nossos olhos-placas-cerâmicas.

Por fim, o Ateliê de In(ter)venções Urbanas, por meio de oficinas abertas ao público, procurou trazer a presença da universidade pública junto à cidade de Florianópolis através de uma ação extensionista provocada no aprofundamento de uma pesquisa artística, arquitetônica e urbana. O que está sendo apresentado nesse livro-catálogo pinça parte das produções geradas num rico processo de troca entre cidade e corpo, ação e afetação. É uma tentativa de voltar-se ao chão e experienciá-lo para, talvez, erigir paredes dotadas de uma sensibilidade arquitetônica, artística e cultural e sustentar com mais responsabilidade uma possível queda do céu.

Textossiturizar: captar a tessitura que se apresenta nas texturas e expressá-las em texto.

Luize Cristina Andreazza Bussi

Texto, textura, tessitura. Textossiturizar. Captar a tessitura que se apresenta nas texturas e expressá-las em texto. Verbalizar o que se tece, o que texturiza o olhar, o pisar, o corporizar.

O chão, as paredes, o teto. Planos do espaço que por si só não existiriam se não pela presença das texturas de seus materiais. Por meio das texturas experimentamos, experienciamos, sentimos. Ou não. Por vezes andamos no modo automático, no frenesi da supermodernidade como nos adverte Augé (1994), que sequer sabemos onde pisamos, tampouco vemos o que pisamos. O chão, as paredes e o teto sempre estão ali, mas nem sempre os vemos, quiçá os sentimos.

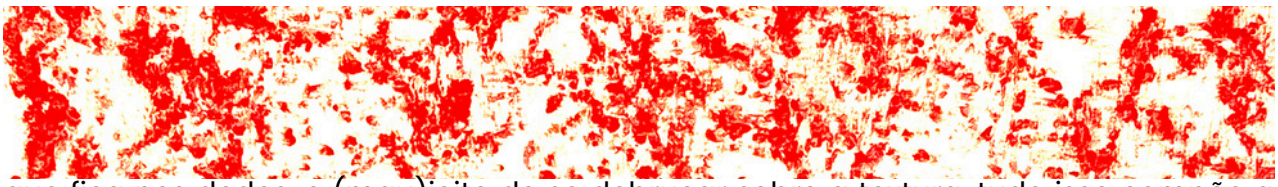
No entanto, meus caros, uma vez submetida à experiência de se entrar em contato com a textura de onde passamos, não se consegue ficar indiferente a ela. Não mais. A calçada, por exemplo, ganha reais contornos, calombos que as raízes das árvores levantam, fissuras por onde o mato cresce, tampas metálicas, pedras soltas. Ao se experimentar o registro das texturas os caminhos tornam-se reais, palpáveis, vivos. Parece que a partir dessa experiência cada parte de alguma coisa construída pede para ser provada, decalcada, registrada.

Intrigante, no entanto, é que o olhar parece captar o que o papel registra de modo diverso ou não consegue registrar. Nele, o papel, surgem linhas, pontos e movimentos que não correspondem, por vezes, exatamente ao que eu queria registrar. Até onde vai o alcance do meu olhar e do meu captar? Que texturas são essas que emergem no papel e tornam-se não mais o decalque de alguma coisa, mas a coisa em si?

Por vezes, a experiência de registrar o algo texturizado, que pode ser o chão, uma parede, uma tampa metálica, ao escapar da compreensão e revelar o inusitado, o imprevisto, me paralisa. É preciso saber lidar com o que será revelado ali no papel. Talvez mudar o lápis, mudar a intensidade do movimento, mudar o sentido da frottage das texturas, as possa revelar. Ou será melhor deixa las emergir por conta própria e entregar-se ao novo, ao resultado inesperado, talvez ao feio, talvez ao belo?

Acredito que, o mais importante da experiência de texturizar e, neste caso, de se textossiturizar seja o perceber. Percebendo texturas percebemos o mundo talvez. Significa estar presente, consciente, participar da vida como ela aparece, revelando o que existe ao nosso redor.

Para além da mera representação, o ato de se registrar as texturas traz consigo a atenção ao que acontece, por vezes literalmente, abaixo dos nossos pés, ao alcance de nos consigo a atenção ao que acontece, por vezes literalmente, abaixo dos nossos pés, ao alcance de nossos pés, ao alcance de nossas mãos e não apenas nos deixarmos guiar pela visão. O perceber corporalmente, que acontece desde o momento de visualizar a textura que se quer registrar, passando pelo movimento do braço e da mão de friccionar o lápis, o giz, o carvão no papel, observando o resíduo



que fica nos dedos, o (mau)jeito de se debruçar sobre a textura, tudo isso compõe a experiência texturizada do corpo.

A partir do registro, existe ainda uma ativação mnemônica: ao criar-se proximidade com o que se apresenta texturizado, criam-se, acredito, ligações que trazem à tona momentos de experiências passadas que ocupam muitas vezes o inconsciente ao passo em que, em paralelo, podem se estabelecer novas referências com os materiais e planos de suporte. Exemplo disso foi quando, após a experiência de frottage das texturas no entorno do prédio de Arquitetura da UFSC, percorria meu caminho de ida e de volta a minha casa temporária, registrando mentalmente os grafismos que se apresentavam no percurso.

Percorrer caminhos, caminhar. James Hillman em Cidade e Alma (1926,p. 53) escreveu "... Caminhando estamos no mundo, encontramo-nos no lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia, ou um território, uma habitação com um nome". Sempre lembrava dessa citação ao percorrer o caminho da UFSC até minhas residências temporárias. E se caminhando eu estava no mundo, ao perceber este mundo por meio das suas texturas eu era (sou (um corpo)) no mundo a exemplo do que Merleau-Ponty defende em Fenomenologia da Percepção. A calçada do prédio da Arquitetura, a tampa metálica fervente, registrada em pleno sol escaldante do meio-dia na (rua) Ogê Fortkamp, o banco de madeira no Parque do Córrego Grande, fazem hoje parte das minhas memórias afetivas e vínculos com o (s) lugar(es) que percorri. Queria ter registrado as texturas daquele desenho das calçadas da Lauro Linhares, assim como a tampa que meu amigo viu lá no Mirante do Parque da Luz, mas não tive tempo. Aliás, não criei o tempo necessário para registrá las, mas as suas lembranças ainda residem em mim e me fazem ter uma relação afetiva com aqueles lugares. Talvez certo estava o Leminski em seu ensaio Ler uma Cidade: o alfabeto das ruínas, quando dizia que "... uma cidade se lê com o corpo (...) uma cidade não se lê com o corpo. Uma cidade se lê com a vida(...). Uma cidade se lê com tudo. Uma cidade se lê em todas as direções. Uma vida é muito curta para que saiba de cor mais de uma cidade".

Enfim, o textossituar surge de uma percepção, seguida de uma ação que se tornará registro gráfico, físico e que se tornará memória compondo a história do (meu) Ser.

Quantos chãos cabem em uma cidade?

Vinicios Nalin

Esse texto parte do chão. Literalmente, deito-me ao chão para escrevê-lo, buscando uma conexão com a cidade, para que essas palavras ecoem por e para algum lugar. As palavras vêm e vão, em lampejos de sentimentos que anseiam, desordenadamente, serem expressos. Assim como Gaia, a mãe terra, e chão que habitamos, essas palavras também nascem do caos.

Do chão também parte minha experiência aqui registrada de coletar texturas. Sulfite. Giz. Argila. Corpo. Componentes que desenham uma cidade outra. A cidade que antes era uma, ganha novos contornos e texturas (in)visíveis. Texturas que enxergamos. Mas realmente às vemos? Certamente, às pisamos. Compartilhamos da mesma ação do tempo. Da cidade. Dos múltiplos sentidos e camadas que percorrem nossa existência. Mas enfim, quantos chãos cabem em uma cidade? Lenine diria em sua canção:

Chão!
Segue debaixo do mar /
O assoalho do planeta e do terceiro andar /
Chão!
Onde a vista alcançar /
Todo e qualquer caminho pra percorrer e chegar /
Chão!
Quando quer sumir se esconde em um buraco /
Chão!
Se quer sacudir /
Vira um terremoto.

Ao pôr o papel sobre o chão a primeira vez, frustro-me ao perceber o que não via (ou ver o que não percebia?). A textura que enxergava não era a textura que seria 'colecionada'. Ao transferir para o papel, a imagem registrada é como uma marca daquele espaço-tempo. Textura. Embora exerça força, nem tudo aquilo que enxergo se registra. O processo é repetido e novamente: o que enxergo é diferente do que vejo. Assim, desenho em texto e (ar)risco relembrar as memórias da primeira atividade de coletar texturas.

> *Sentar-se ao chão me parecia um tanto quanto estranho. Lembro ser algo que acessava minha criança interior, já que, na infância, não temos tais pudores táteis e corporais. No primeiro momento que me debruço, me sinto observado. É difícil encontrar os primeiros interesses de coleta de texturas; ainda mais somado desse sentimento de vigilância. Mesmo assim, o plano que mais me chama atenção acaba sendo o chão. Lembro das texturas. Lembro dos sons do chão. O arrastar do passo me cativa. Percebo aonde vou sonoramente. Acompanho meu pisar. Meu andar. Então, quando o chão parece me escapar, sinto que me encontro pronto e o debruçar do meu corpo ao chão não é mais o mesmo [memória de campo 01].*

Meses após as primeiras, segundas e terceiras coletas (somadas a demais experiências vivi-senti-das), continuo a olhar para minha relação com o chão. O chão do pesquisar. Como qualquer construção, saímos do chão. Embasamos. Por todo lugar que vou, inconscientemente (será mesmo?) fico atento em observar o chão. Algo se instalou em meu olhar-andar pela cidade. Mesmo ao me deparar com uma calçada florida de pétalas caídas de uma árvore, fico divagando e pensando no que vejo. Recolho algumas flores. Beleza efêmera. Percebo diversas decompostas em frestas, degraus, rachaduras, crateras. Elas preenchem o que busquei insistentemente registrar no papel. Mas aí estão elas, poetizando as marcas que o espaço-tempo produziu e que o corpo vê e sente.

Retomo então meu questionamento inicial: quantos chãos cabem em uma cidade? Não devo ousar respondê-lo. Não vejo motivo para buscar fazer isso. Temos sim, que continuar em uma constante investigação (ou já podemos chamar de investiga-chão?). Quantos chãos não é uma pergunta, mas uma fagulha. Incendeio a olharmos para o chão. Sentirmos o chão. Assim como nossa criança o fazia. Assim como fazemos quando vamos a praia e pisamos descalços na areia. Devemos usar da tateabilidade como método, como forma de ver o que ultrapassa o olhar da superfície. Coletar. Registrar. Colecionar o que o corpo sente. Então, o chão que antes chegava perto do céu, Lenine finaliza ao som de uma corrida textural:

O chão quando foge dos pés /
Tudo perde a gravidade /
Então ficaremos só nós /
A um palmo do chão da cidade /
Chão.

**É sugerida que a leitura seja feita ao som da canção "Chão!", de Lenine.*

O urbano de outra perspectiva, percepção redesenhada

Matheus Santos de Souza

O Ateliê de In(ter)venções Urbanas, se pudesse ser definido em uma única palavra, seria despertar. Um despertar para um novo modo de perceber o entorno, atribuindo novos significados e reconhecendo a importância de elementos que tantas vezes passavam despercebidos na cidade. Foi uma oportunidade de enxergar o lugar onde vivo sob outra perspectiva, utilizando outros sentidos e referências. Nesse contexto, a experimentação teve um papel fundamental. Exploramos diferentes formas de conhecer os aspectos ocultos da cidade e de como registrá-los. Além dos variados materiais, as trocas que tivemos ao longo dessa jornada foram essenciais.

A percepção do mundo, o que sensibiliza, cativa e interessa, varia muito de pessoa para pessoa. Sem dúvida, a pluralidade nos acompanhou durante o projeto e foi uma das principais responsáveis pela riqueza dos nossos resultados.

Giz e papel:

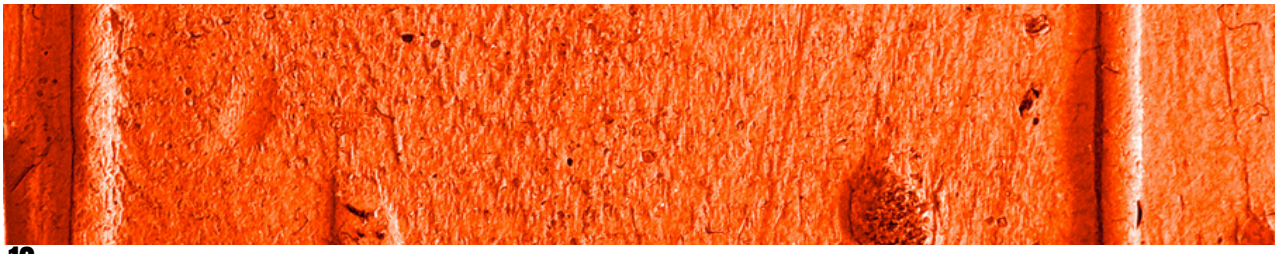
Fiquei fascinado com a interação entre superfície, papel e giz. O papel, inicialmente um plano liso, branco e padronizado, de dimensões fixas e bordas perfeitas, se transforma ao ser colocado sobre as superfícies da cidade. Essas, quase sempre sujas e irregulares, destroem sua brancura e suavidade. O giz, ao ser friccionado, não apenas colore o papel, mas imprime as irregularidades dos altos e baixos relevos encontrados.

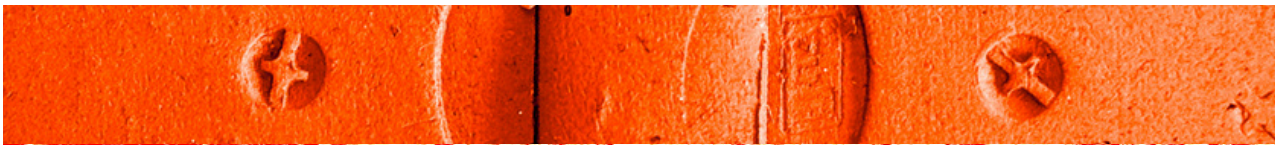
Foi durante uma das primeiras experiências com voluntários, no dia do Espia no Pavilhinho, que percebi esse processo de forma mais clara. A chuva daquele dia destacou ainda mais a “sujeira” que se transferia para o papel. Ficou evidente, ao fim do exercício, que cada lugar da cidade possui características únicas, inclusive em sua sujeira. No caso do Pavilhinho, mesmo predominando madeira e concreto, a textura da terra, lama e poeira se sobressaiu.

Aquarela:

Outra descoberta fascinante foi o uso da aquarela. Controlar a água sobre o papel, especialmente para iniciantes como eu, não é tarefa fácil. Em contrapartida, o giz hidrofóbico que utilizamos revelou um efeito surpreendente, afastando a água e criando algo semelhante a um campo de força em torno dos traços.

Na época, vivíamos um contexto de incertezas, marcado por greve nas universidades, vitórias e decepções diárias – uma miscelânea de sentimentos. Em meio a reuniões, assembleias e atos, encontrávamos momentos para nos reunir, pintar, experimentar e criar. Permitir-se descobrir algo novo, sem grandes pretensões, era nosso objetivo. A única certeza era de que teríamos grandes pretensões, era nosso objetivo. A única certeza era de que teríamos algo diferente do preto e branco de antes. Esse processo, de certa forma, refletia nosso desejo por mudanças, mesmo conscientes das restrições que nos cercavam.





Cerâmica:

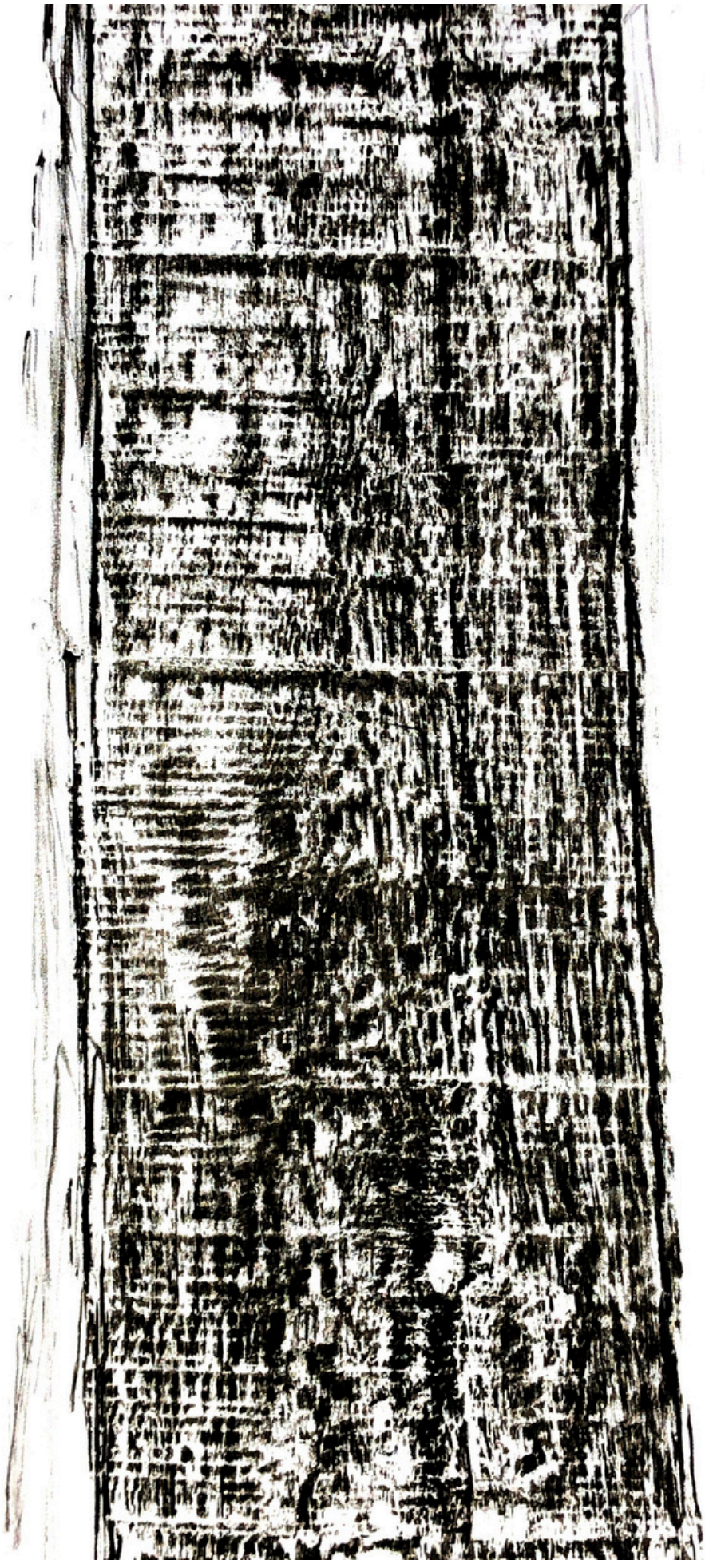
Com o fim do semestre, já nos momentos finais da greve, dedicamo-nos à exploração das superfícies por meio da cerâmica. Este material exige mais cuidado, planejamento e paciência. Sua tridimensionalidade e plasticidade demandam atenção ao pressionar a placa contra a superfície e, principalmente, ao retirá-la. Fiquei intrigado com a relação entre a cerâmica e a "sujeira" que ela captura. Pedrinhas, fragmentos de tinta, folhas e outros resíduos aderem às placas de maneira acidental, mas extremamente significativa.

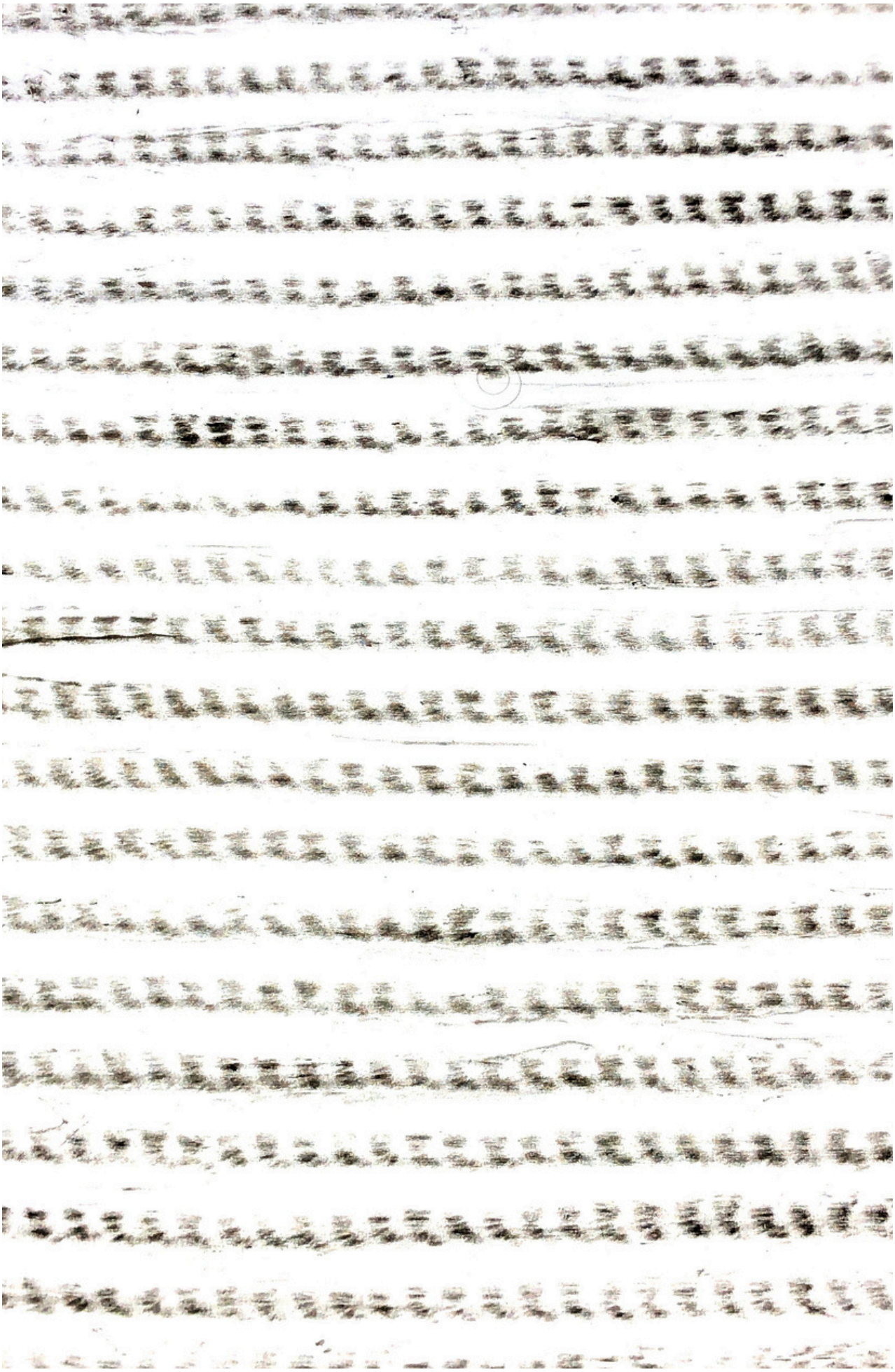
A cerâmica, com seu próprio ritmo, impõe respeito a seus tempos e exigências. É preciso batê-la bem para evitar bolhas de ar que poderiam causar rachaduras. A umidade deve ser controlada, o que requer cuidado não só durante a coleta, mas também no processo de secagem e queima. Trabalhar novamente com cerâmica, após anos, trouxe novas percepções. É uma lição de paciência: certas coisas estão além do nosso controle e precisam ser feitas da maneira correta para que o resultado seja satisfatório.

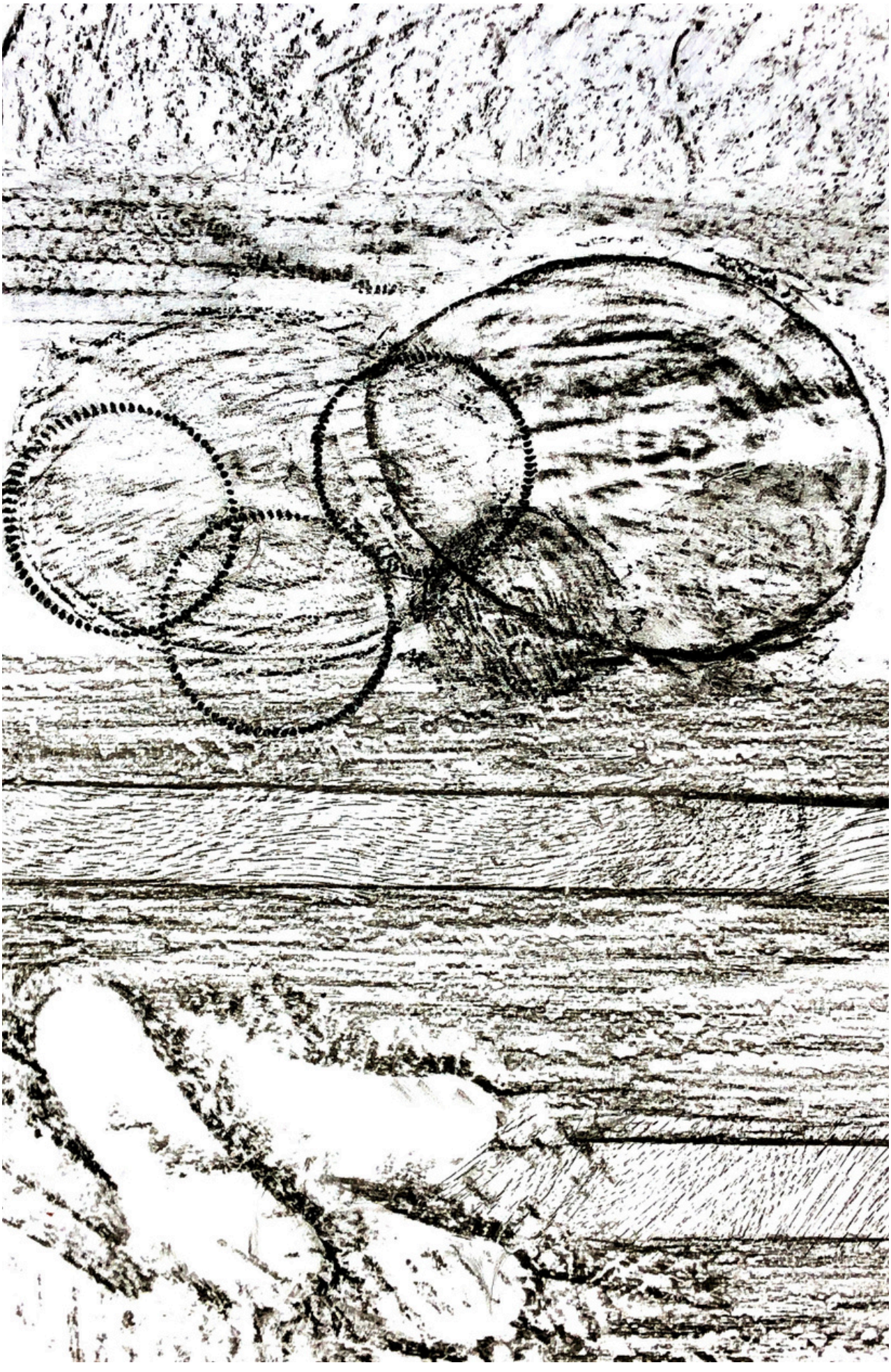
Hoje, sinto que o mais valioso que construímos foi a intervenção – em múltiplos sentidos. Primeiro, o olhar curioso dos transeuntes ao nos verem ajoelhados, agachados ou sentados, com papel, giz ou placas de cerâmica, dando atenção a pedaços da cidade aparentemente sem valor. O que pensavam? Será que, ao menos naquele dia, passaram a olhar ao seu redor de forma diferente?

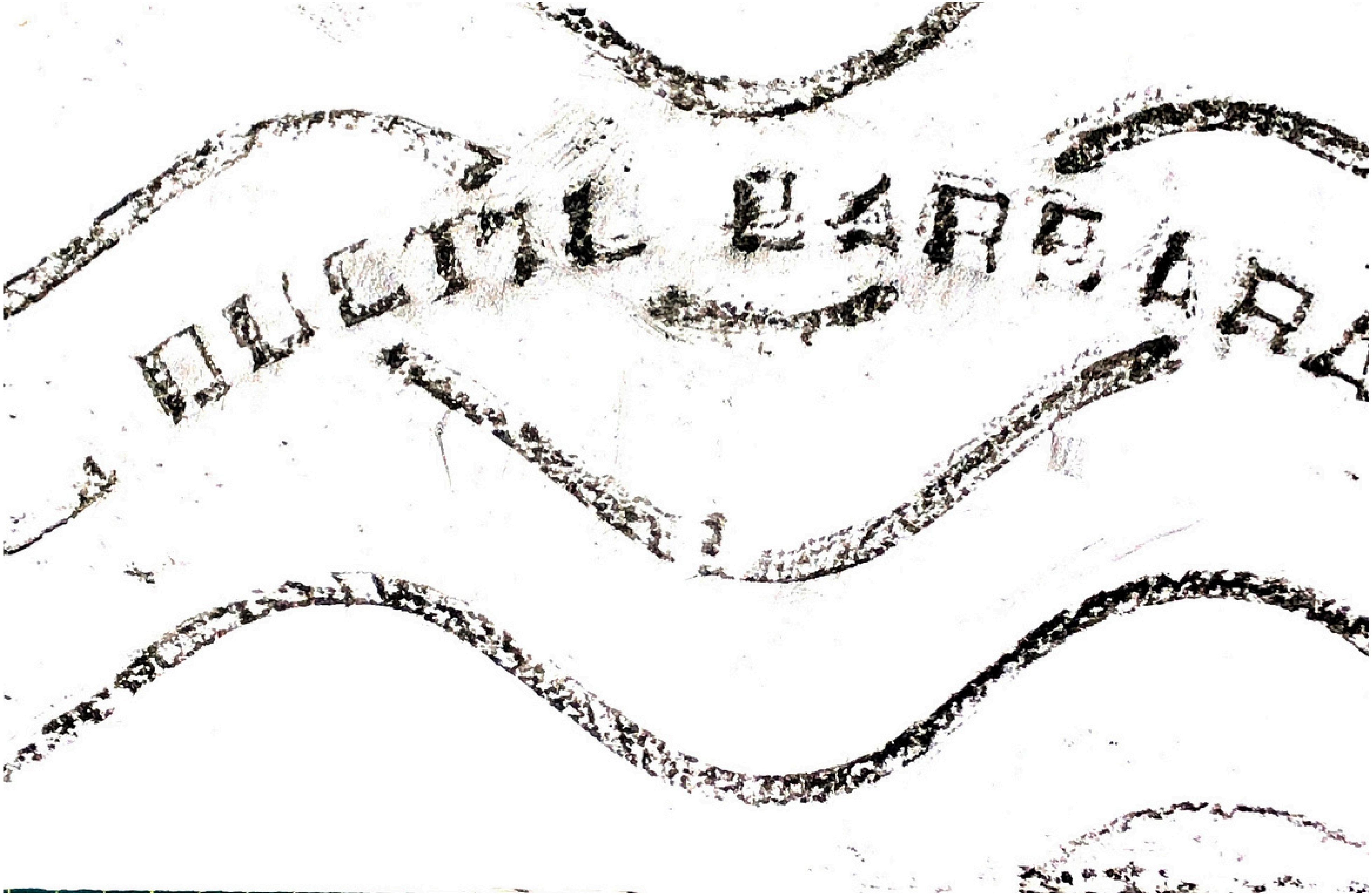
Para mim e para os demais participantes dessa jornada, a intervenção foi clara. Nosso olhar, tato e imaginário foram transformados, desencadeando um efeito dominó que não pode ser revertido. Hoje, percebo os espaços de uma maneira completamente diferente, e sei que continuará sendo diferente a cada dia da minha vida.

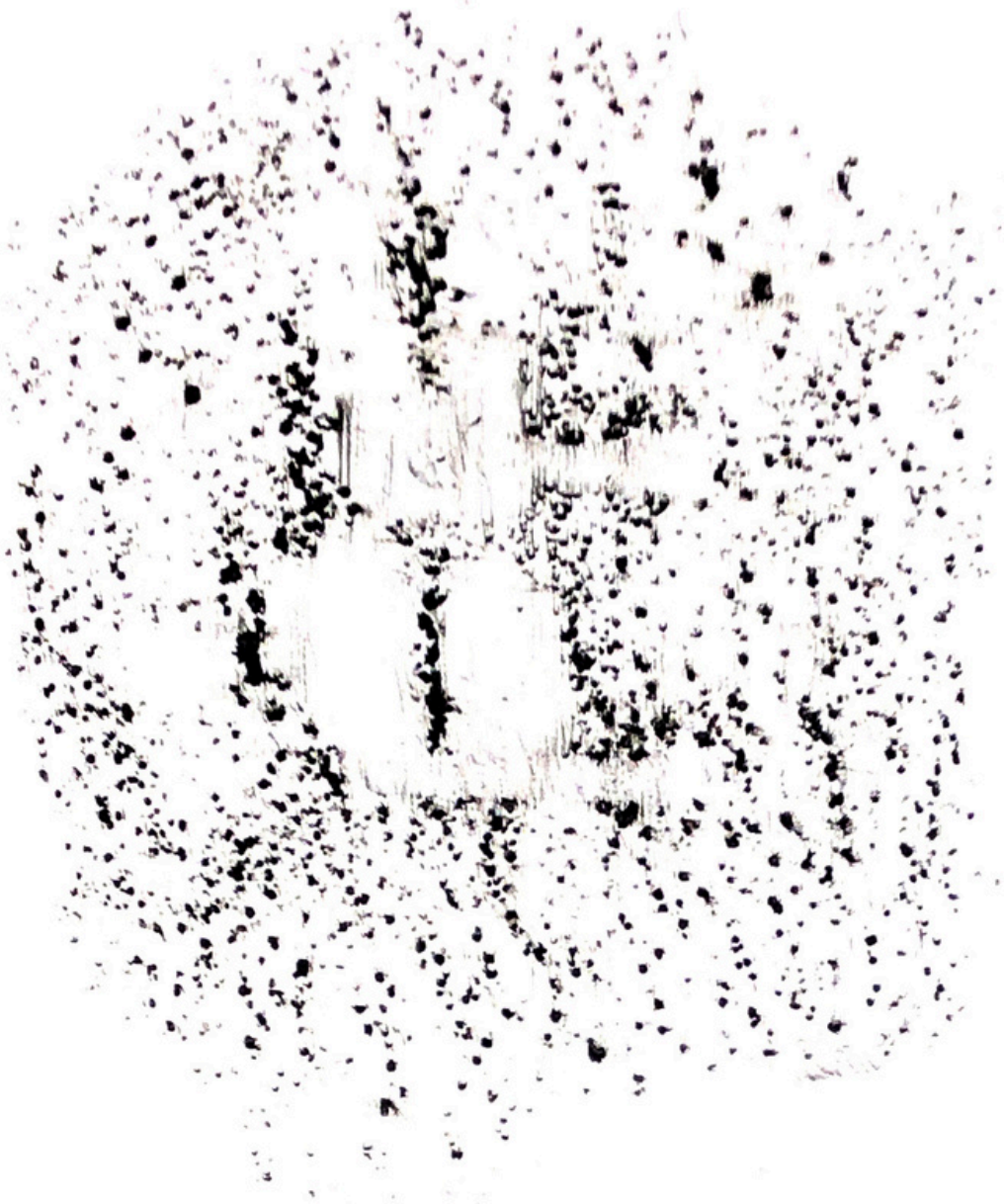
***Pavilhinho**, cobertura remanescente das antigas instalações do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Hoje, abriga as entidades estudantis e serve de local para encontros e eventos dos estudantes do curso.*



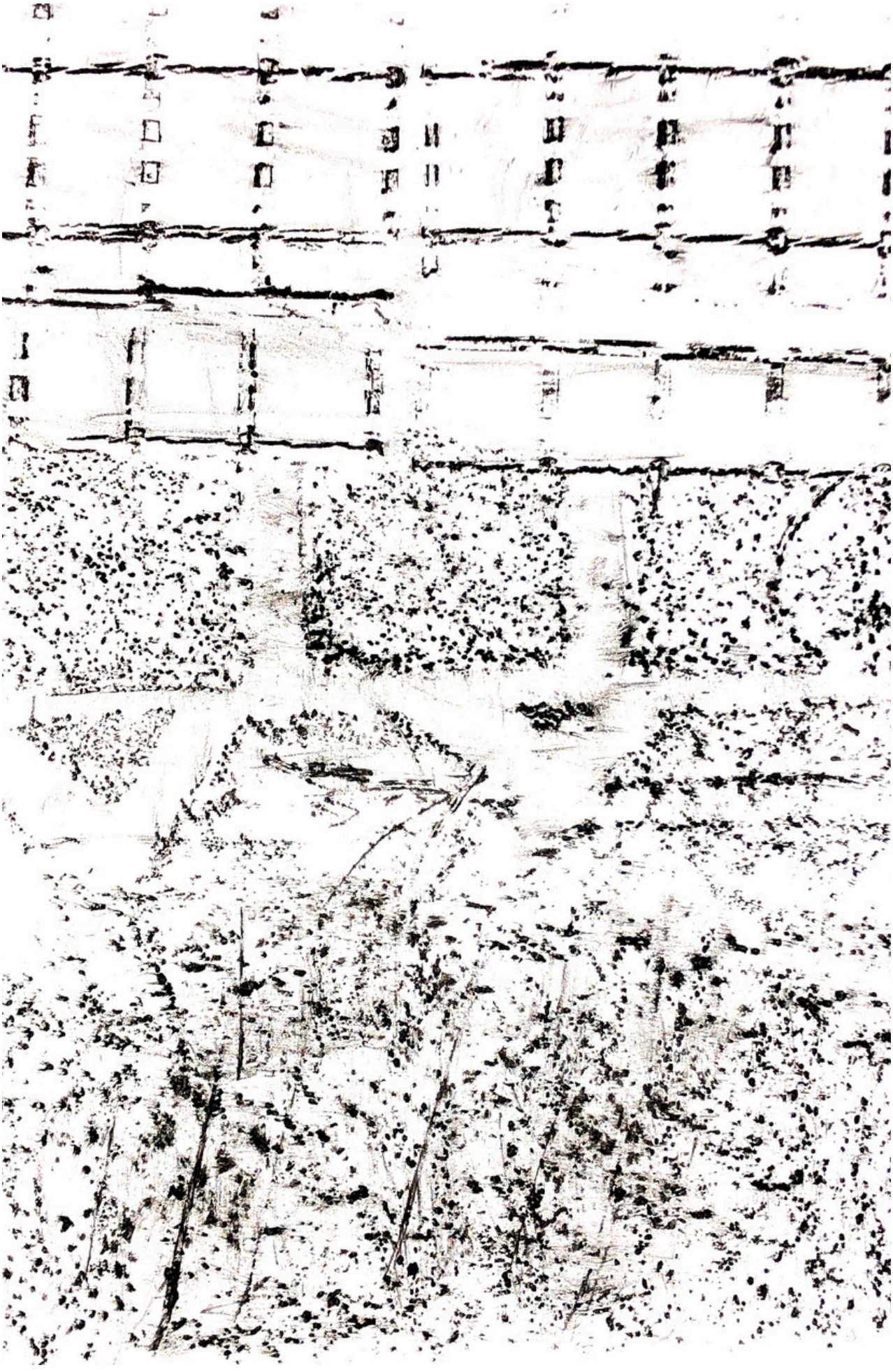


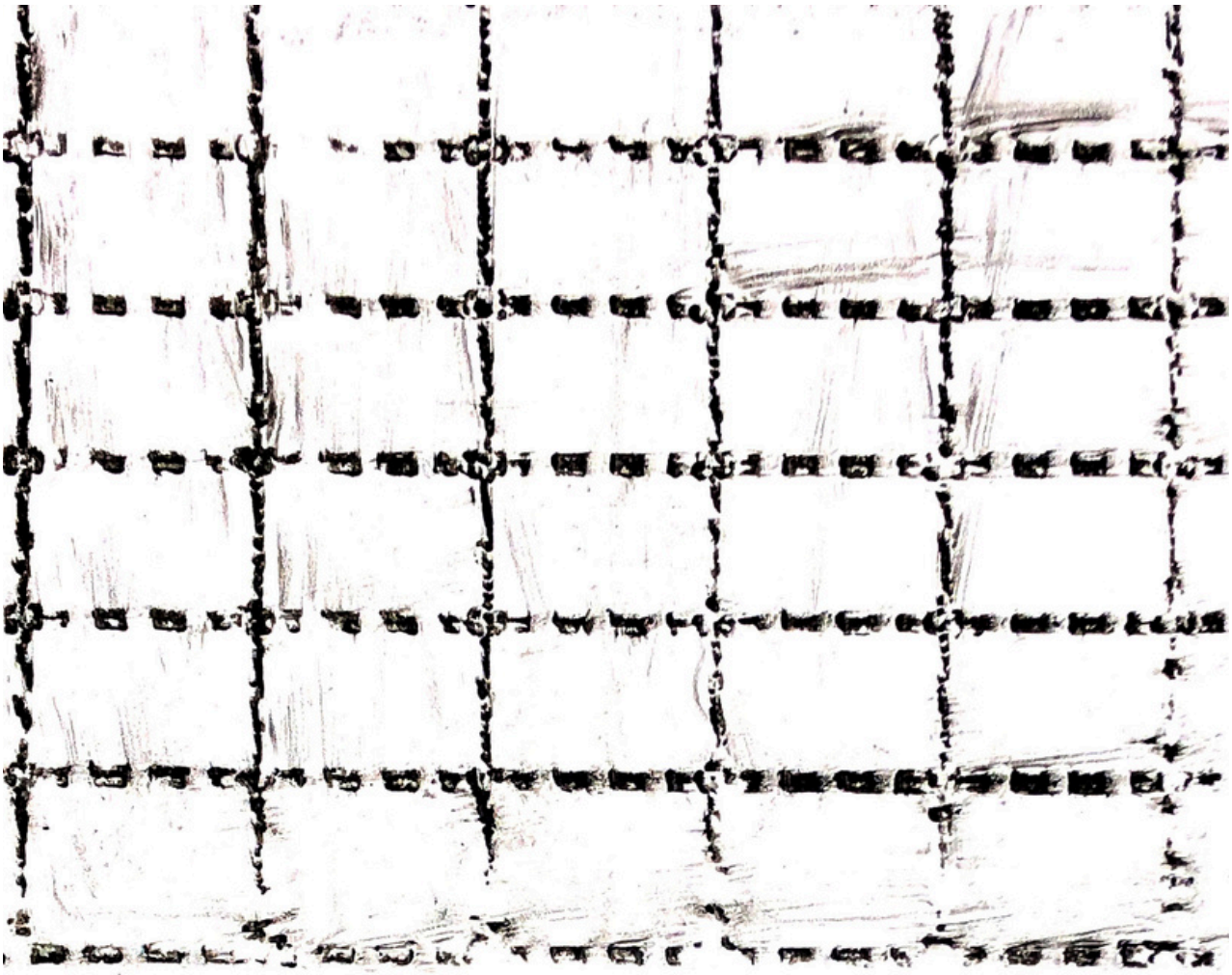


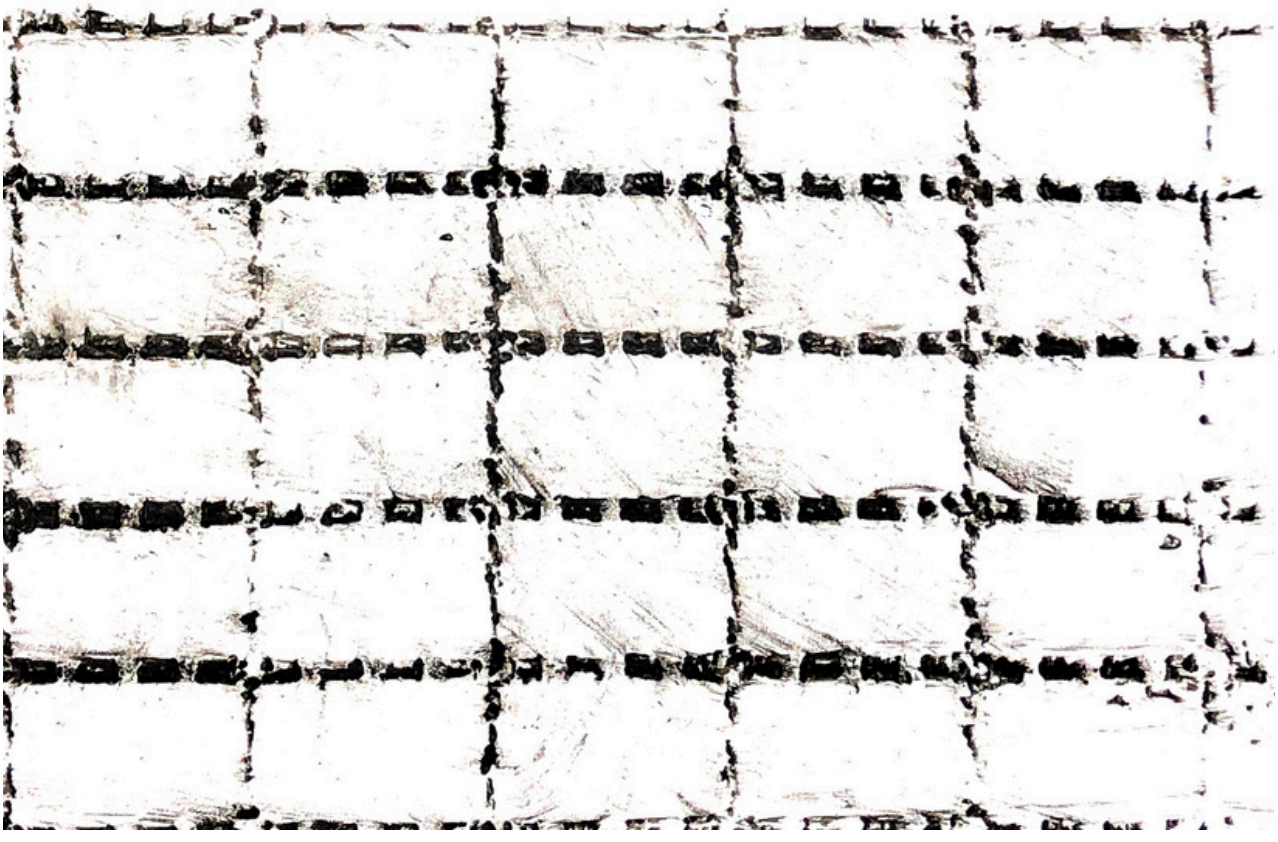


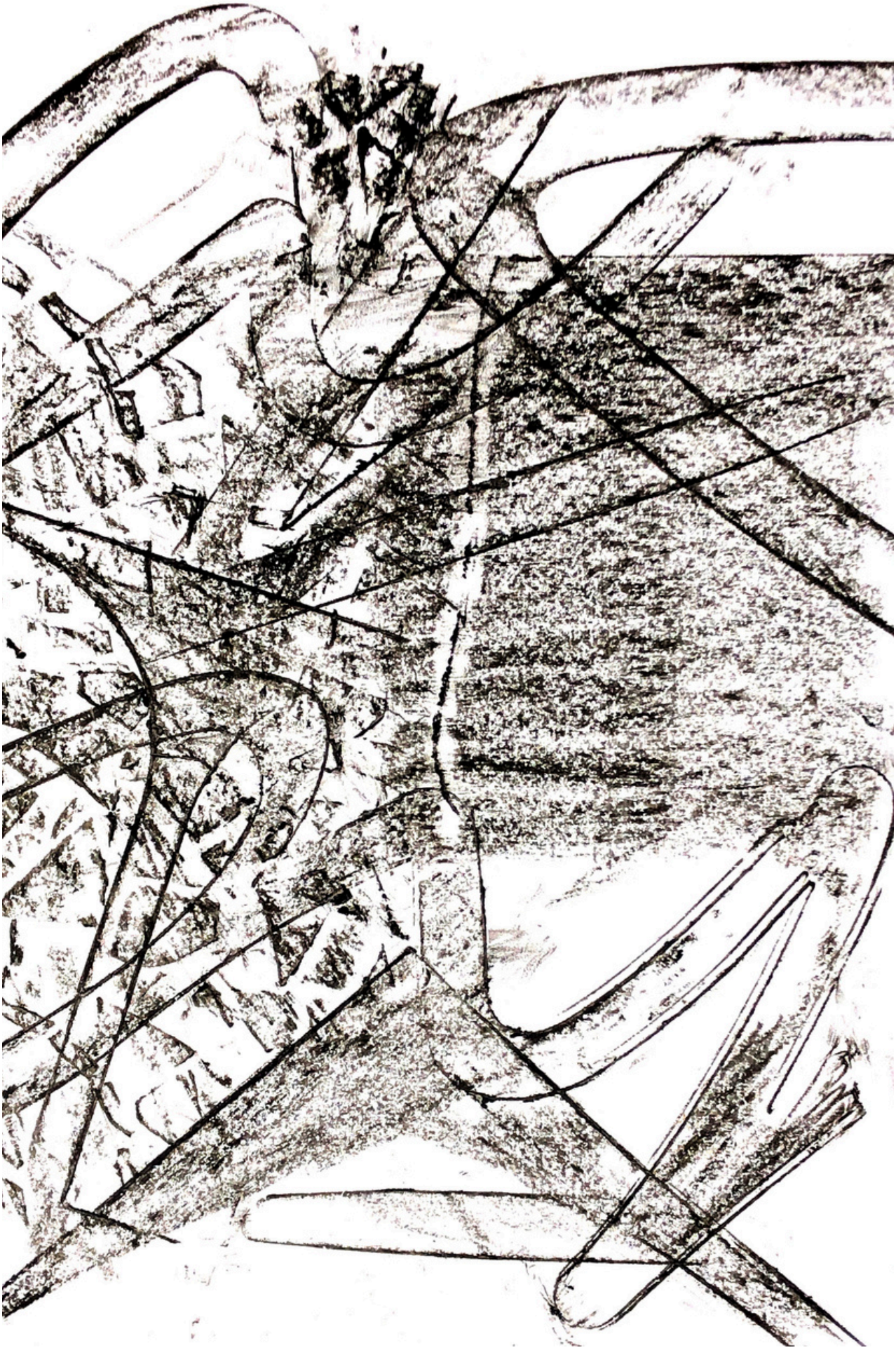


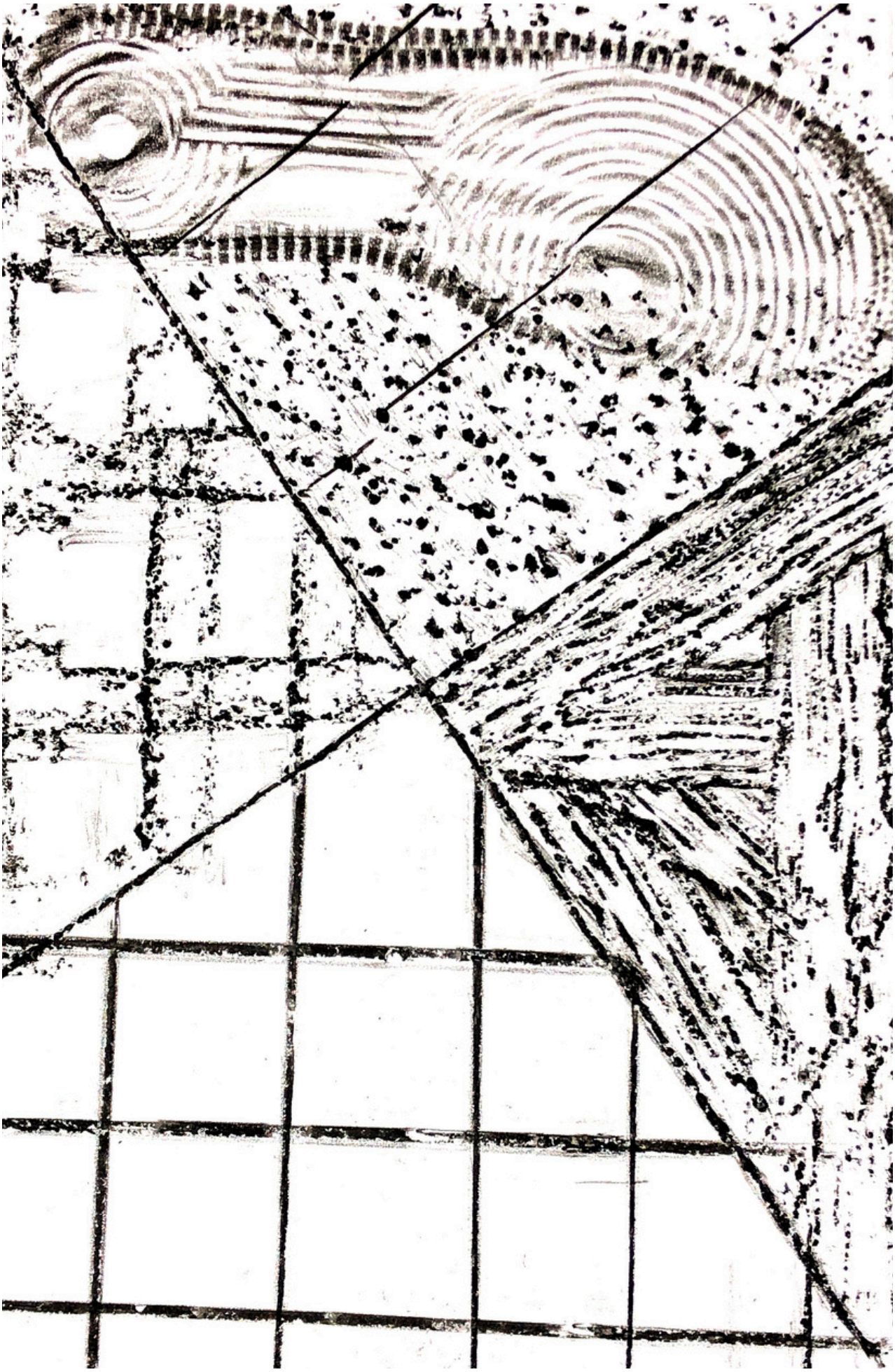
HERCILIO LUZ

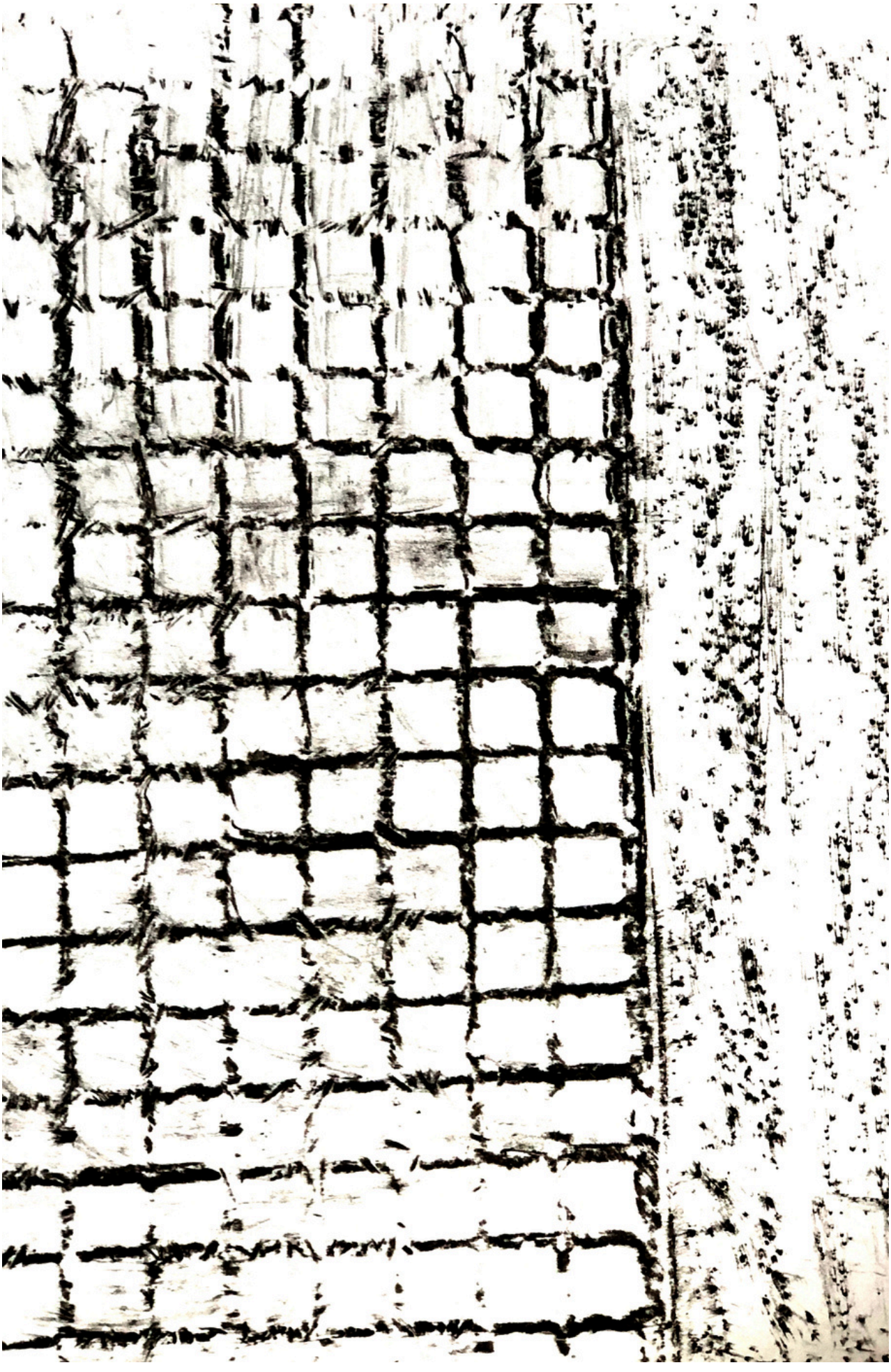


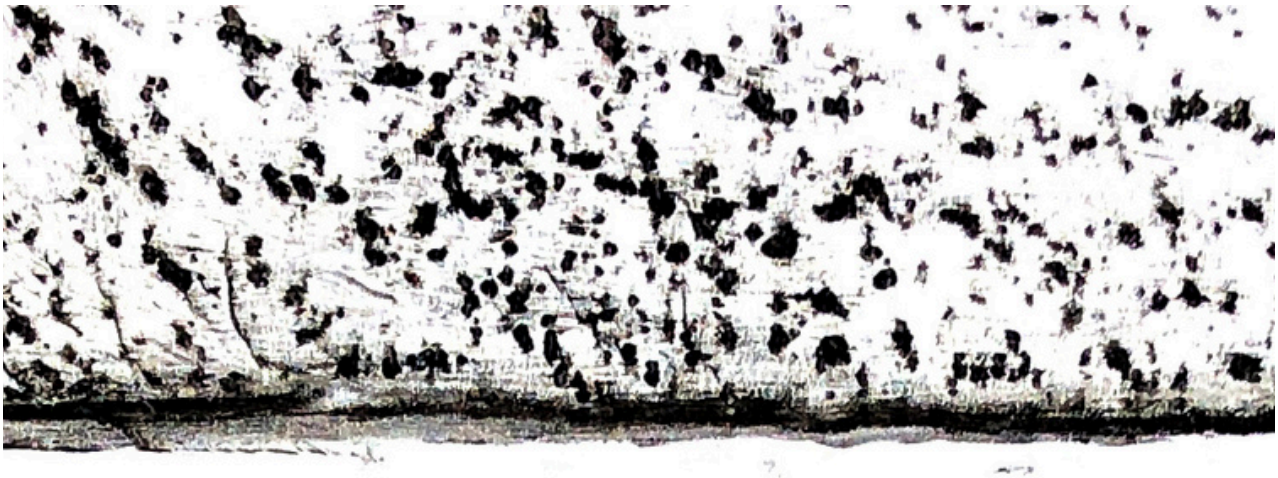


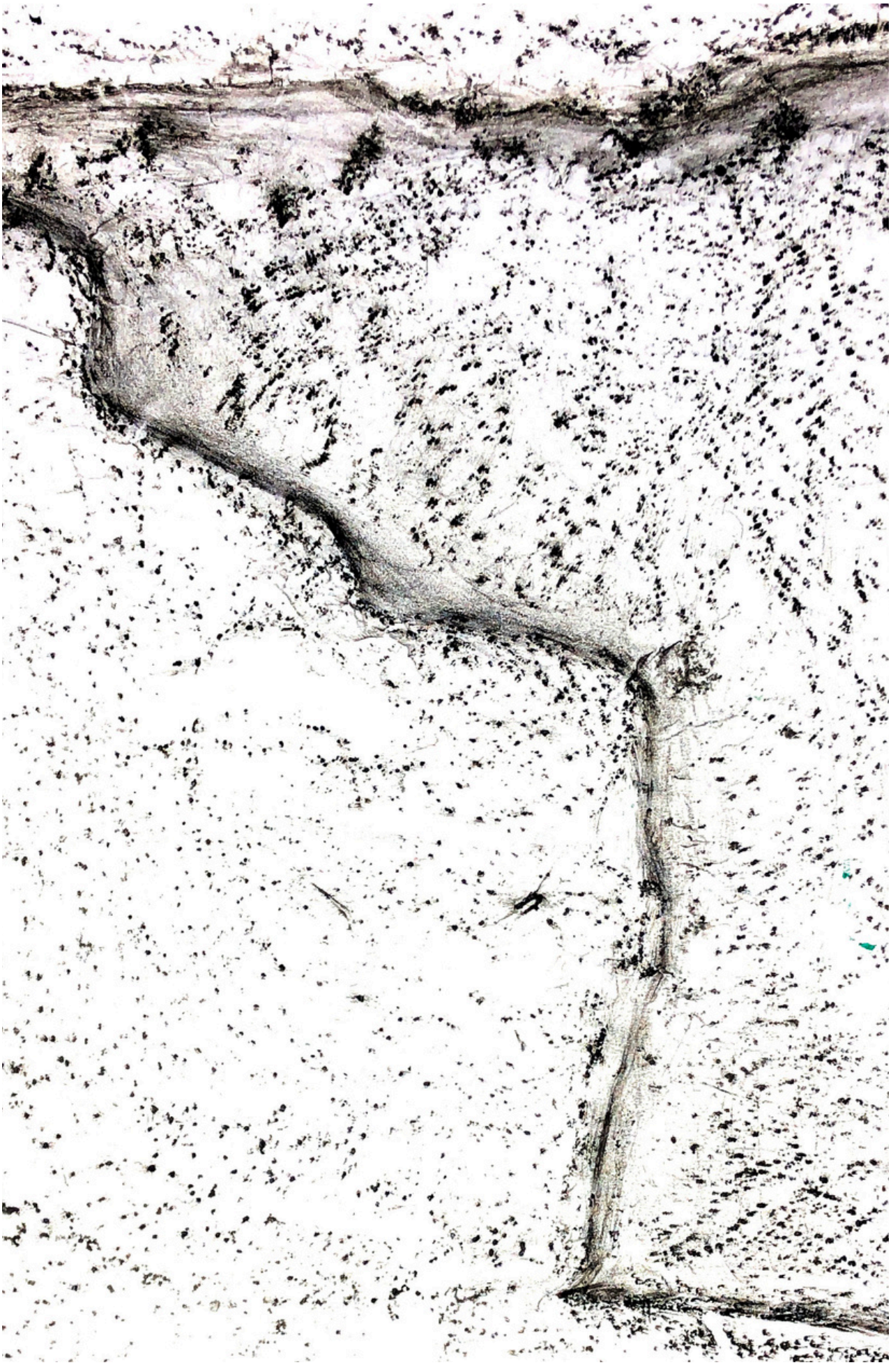


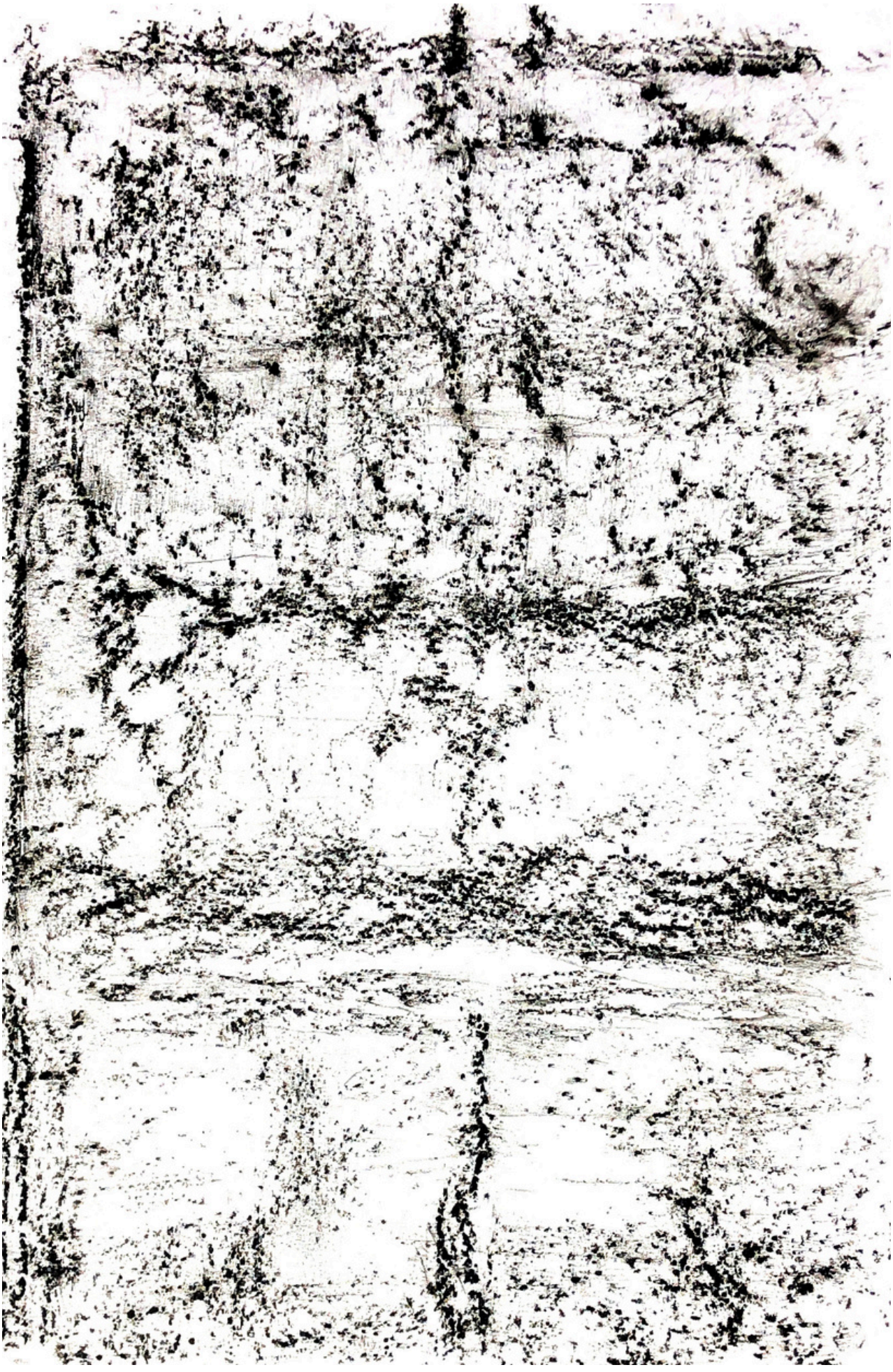


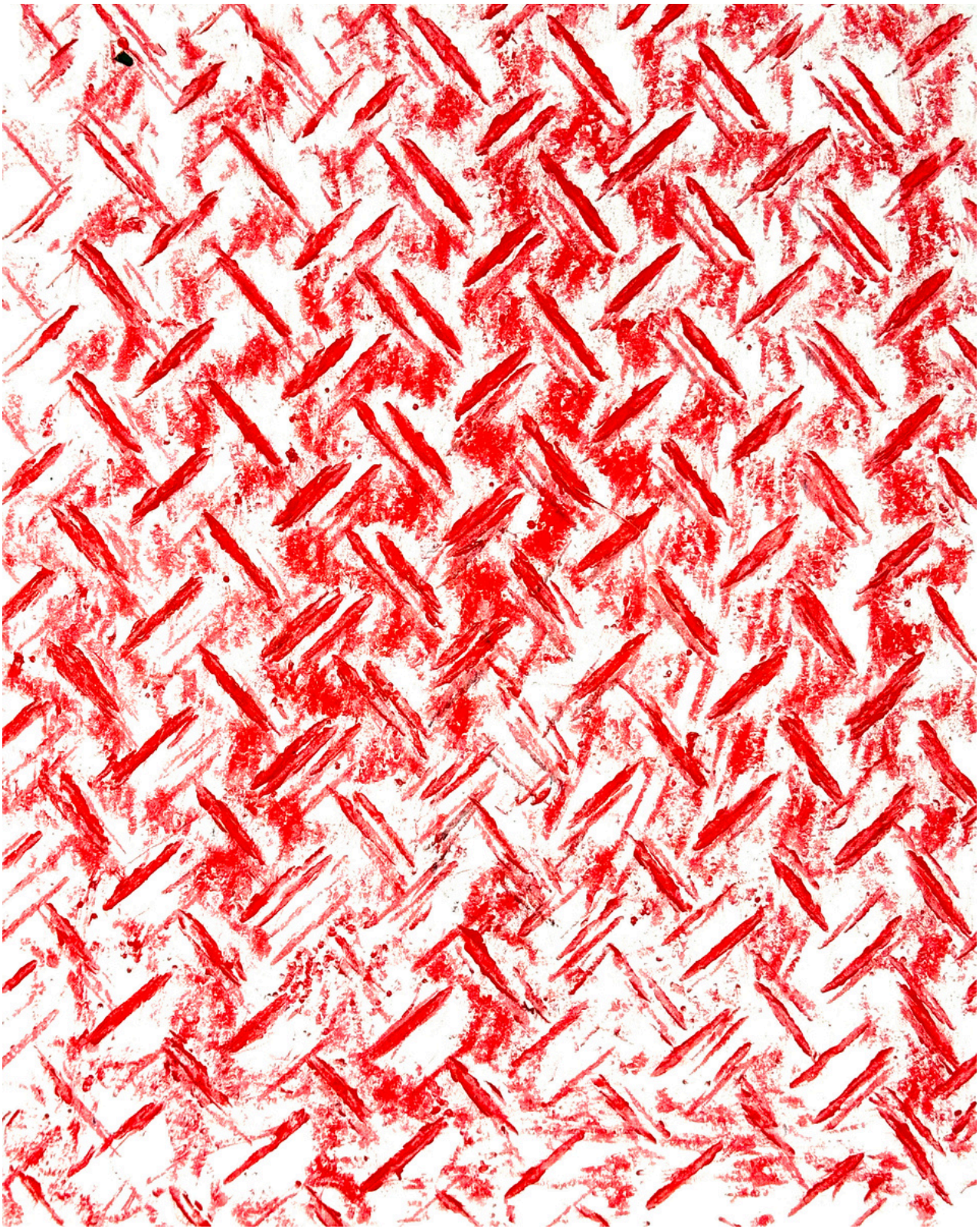






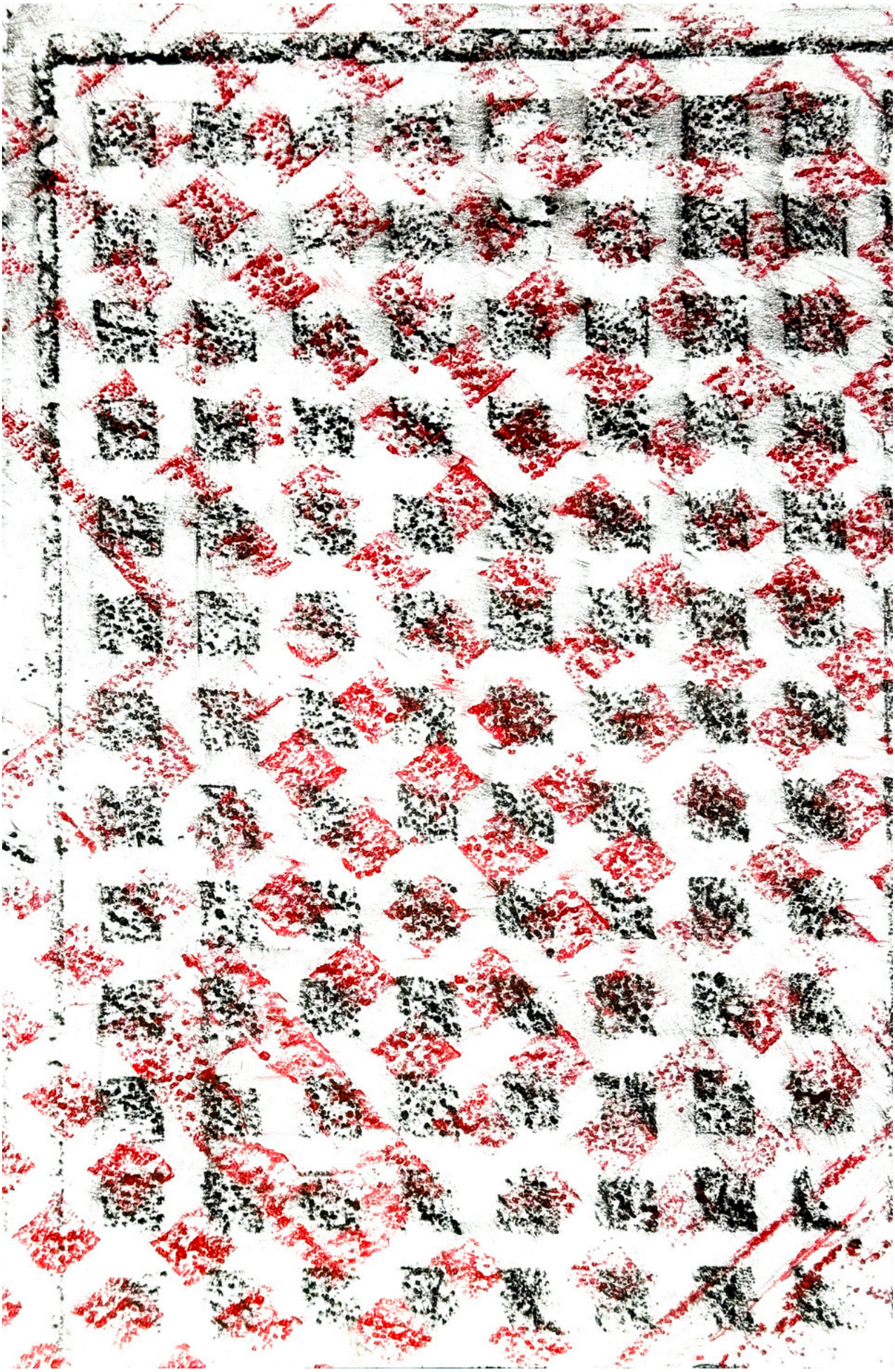


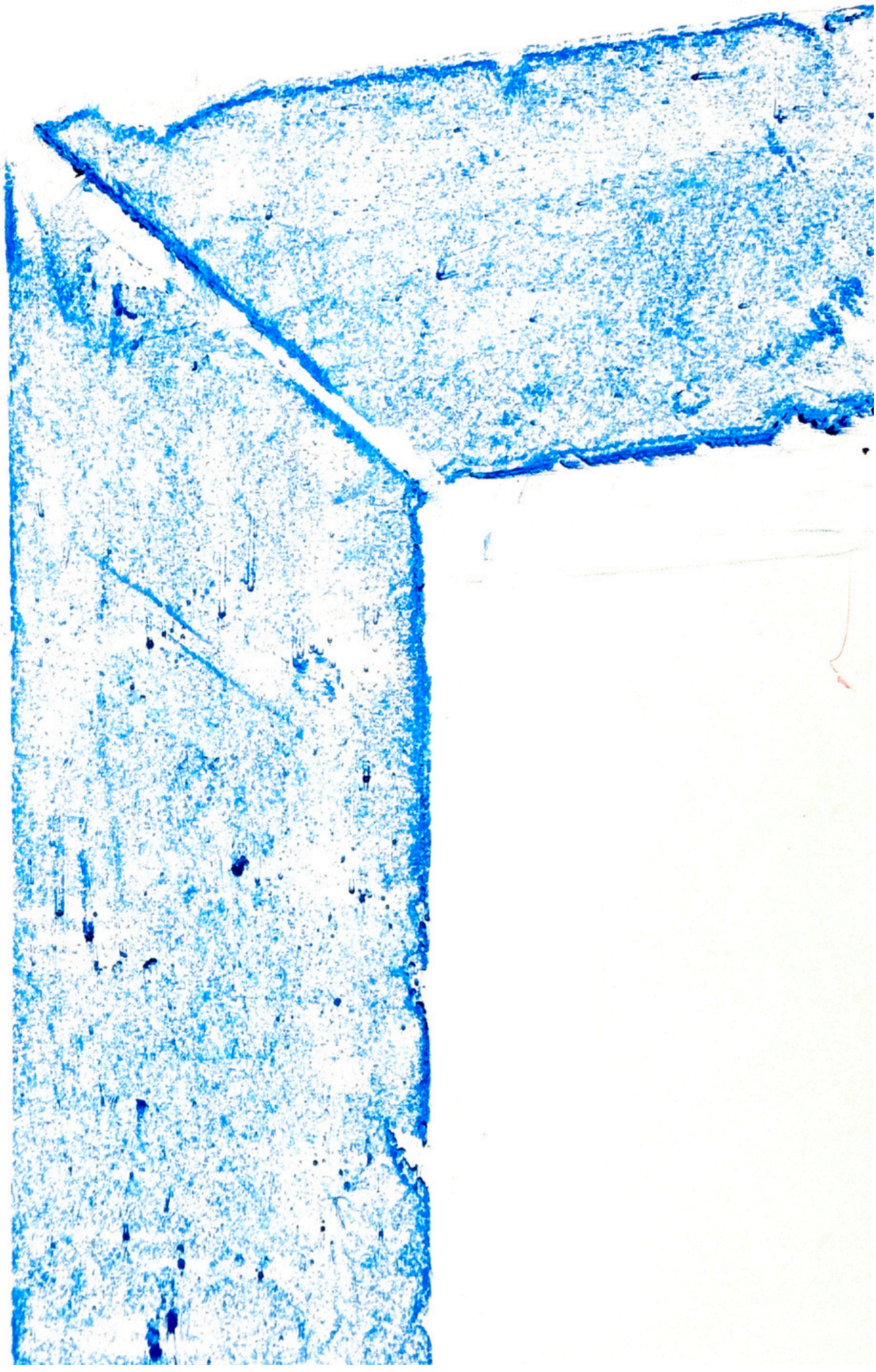


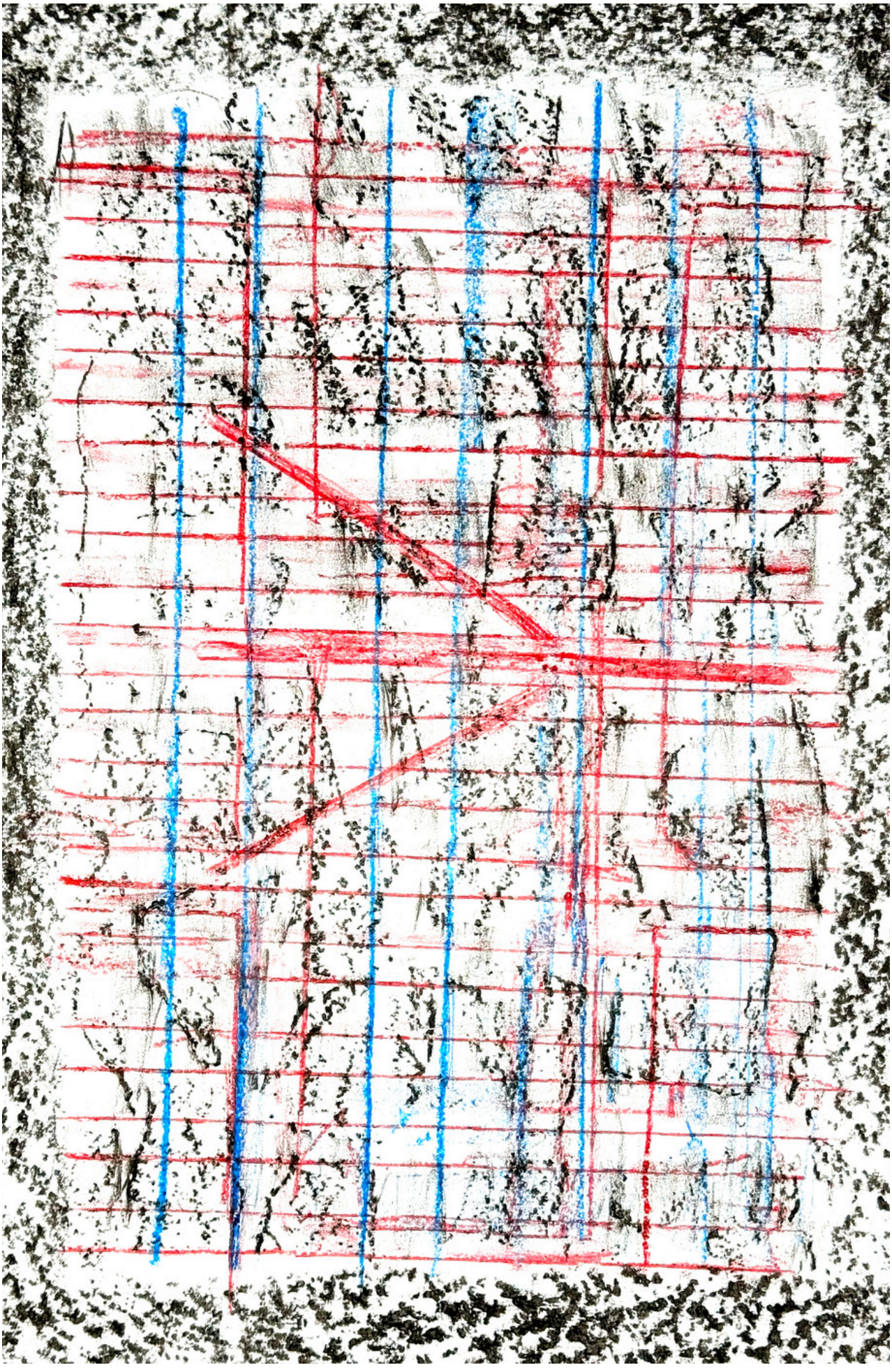


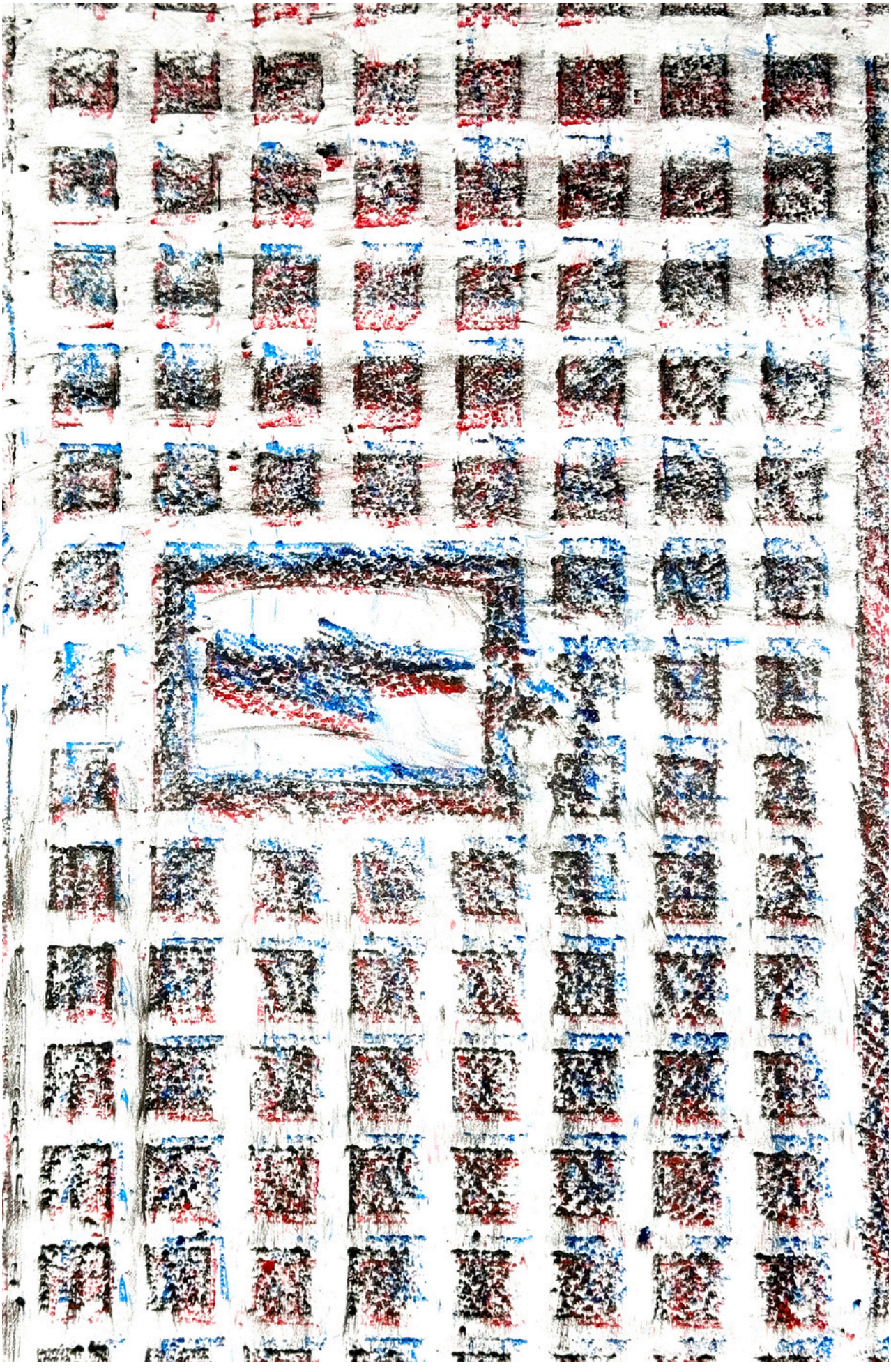
De uma intimidade com o chão surgem processos de criação de texturas urbanas em cores

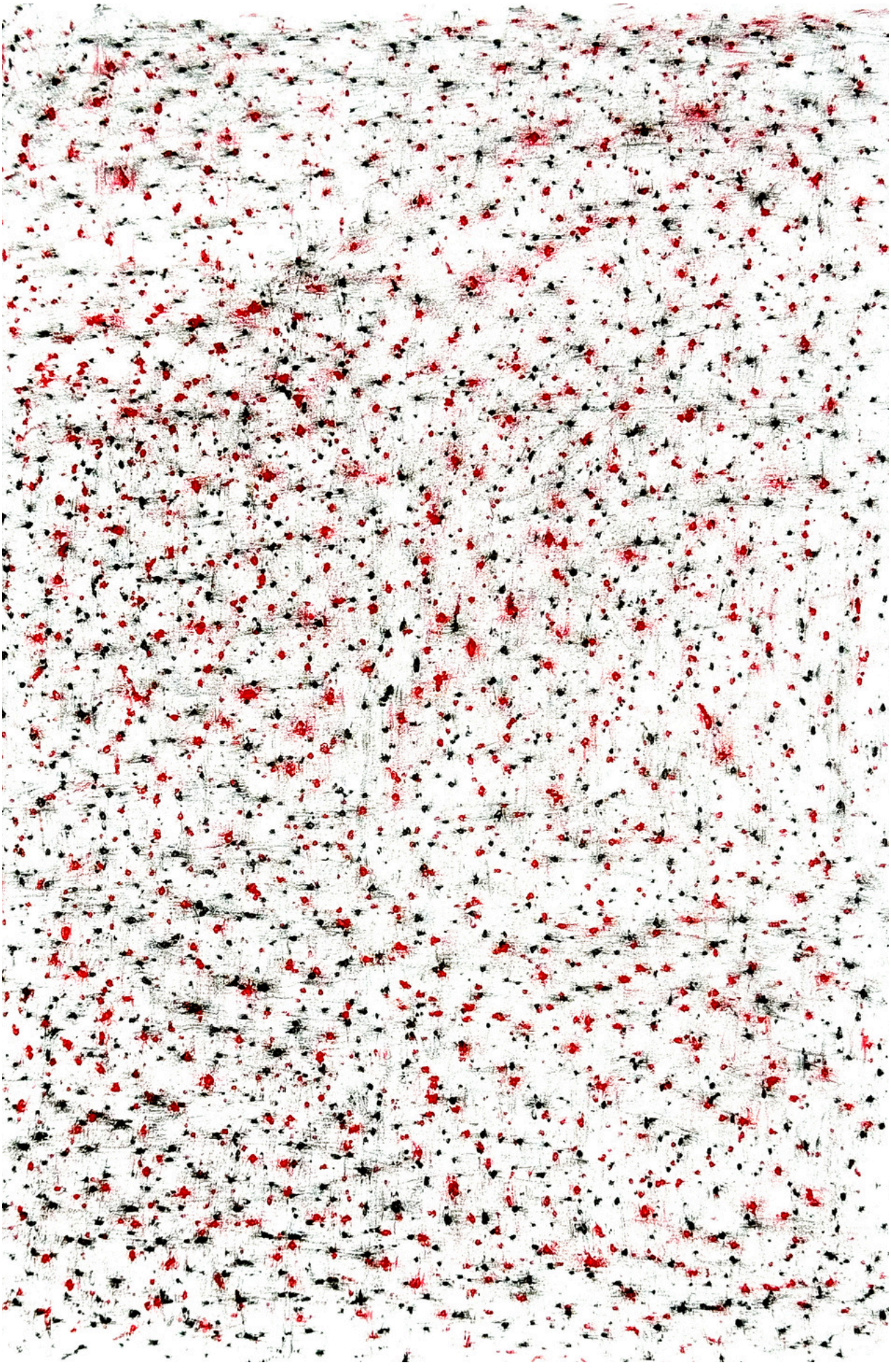
IPHAN
GEAN LOUREIRO
JAIR MESSIAS BOLSONARO

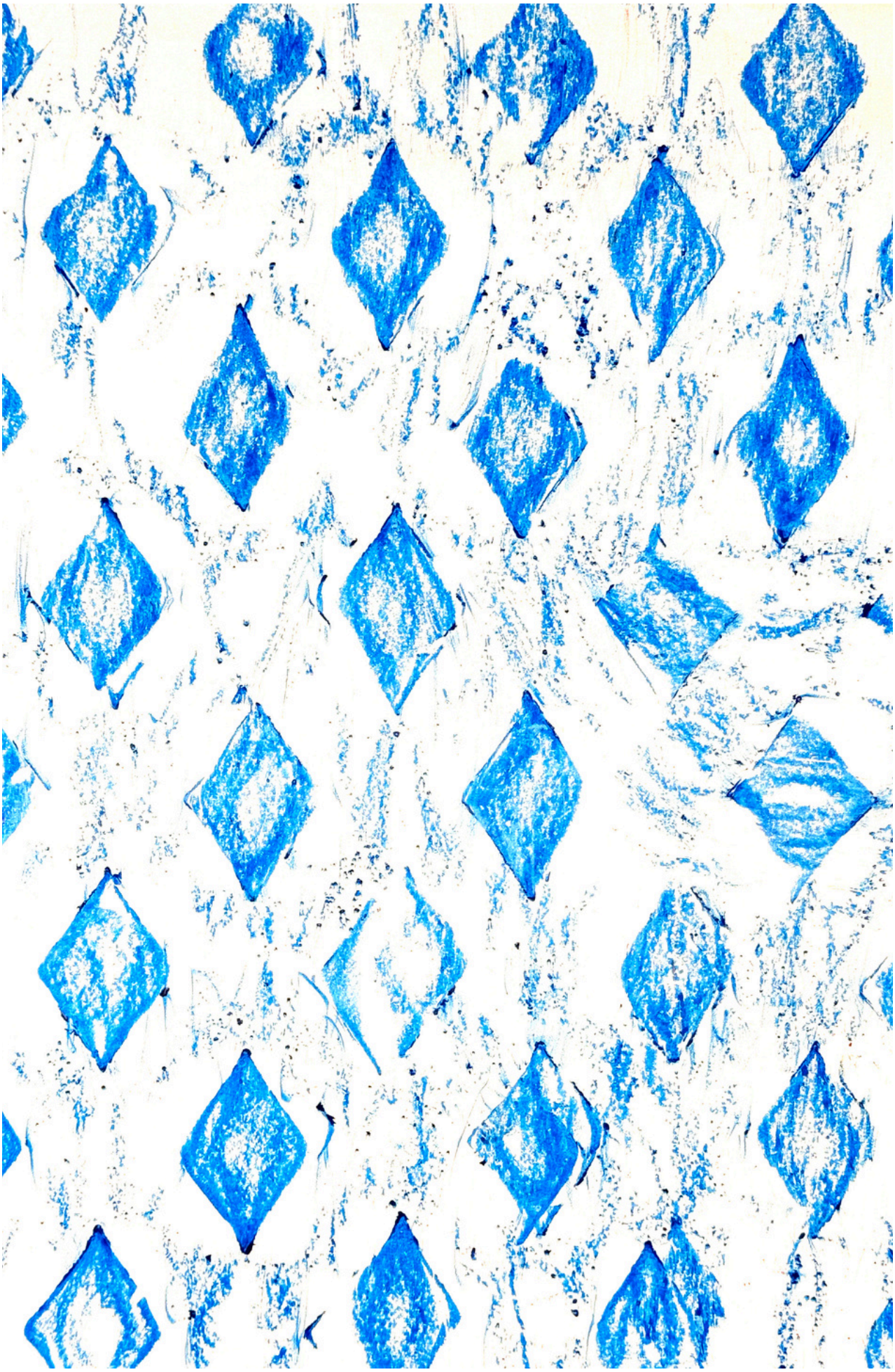


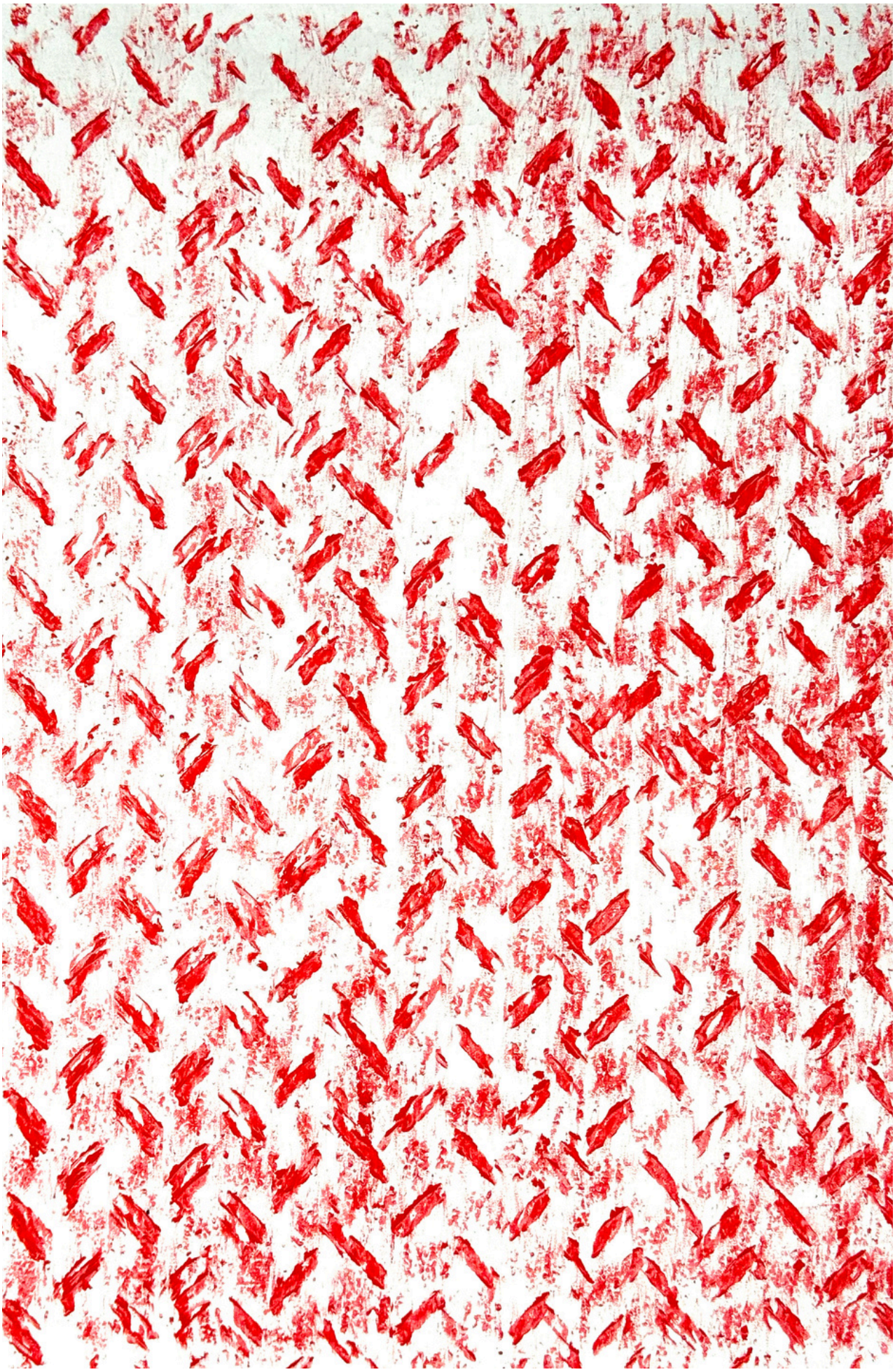


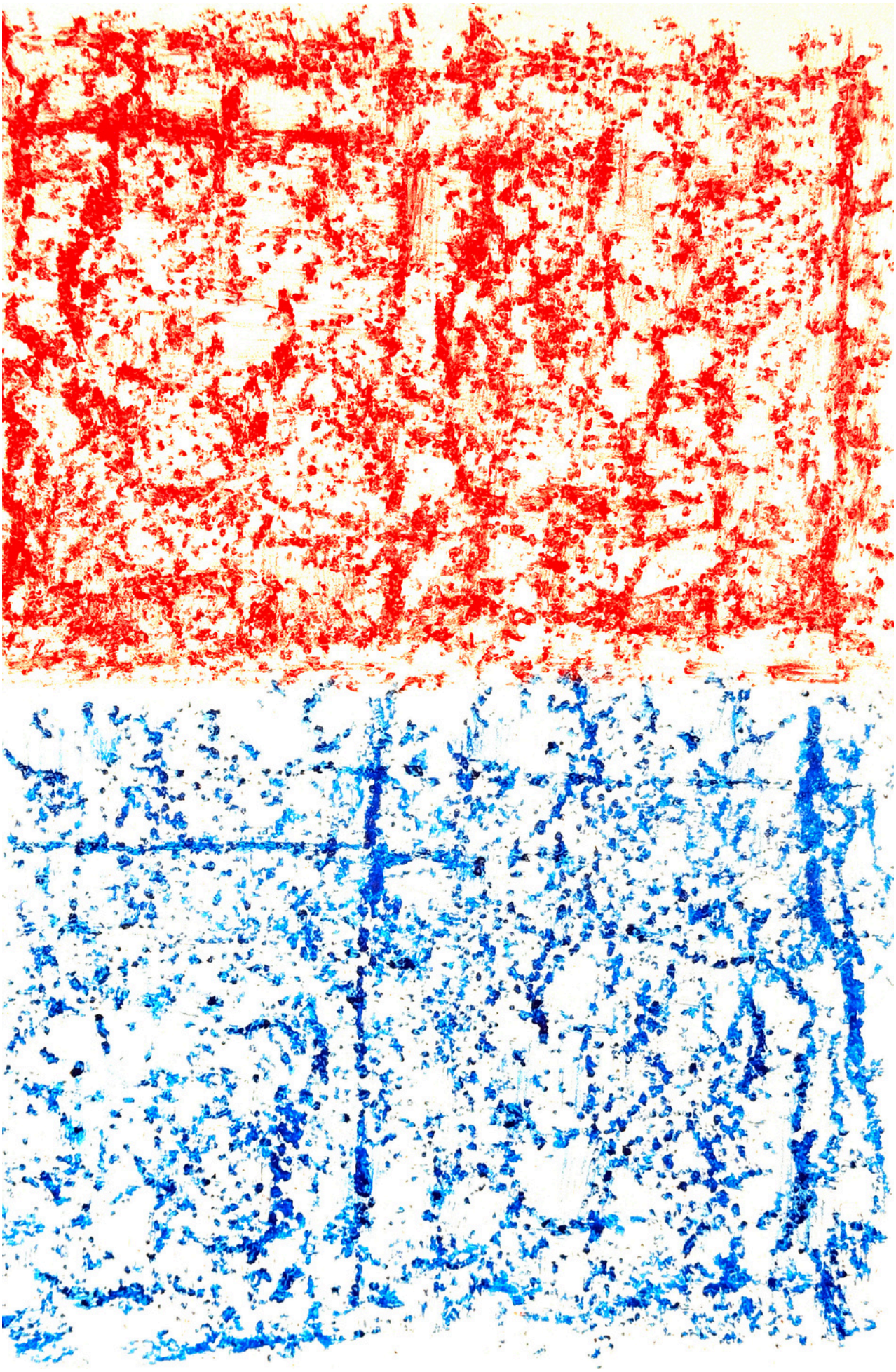


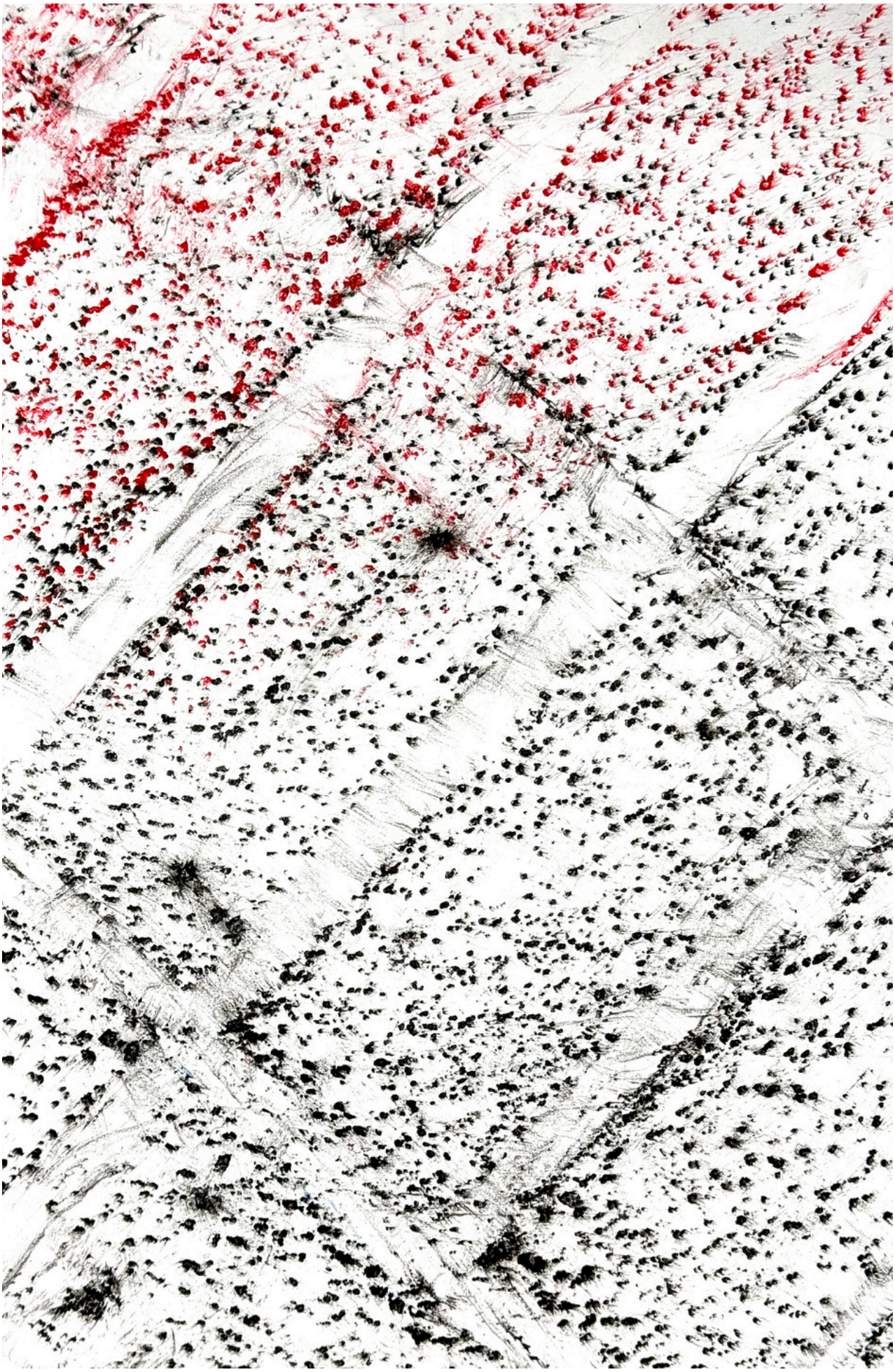


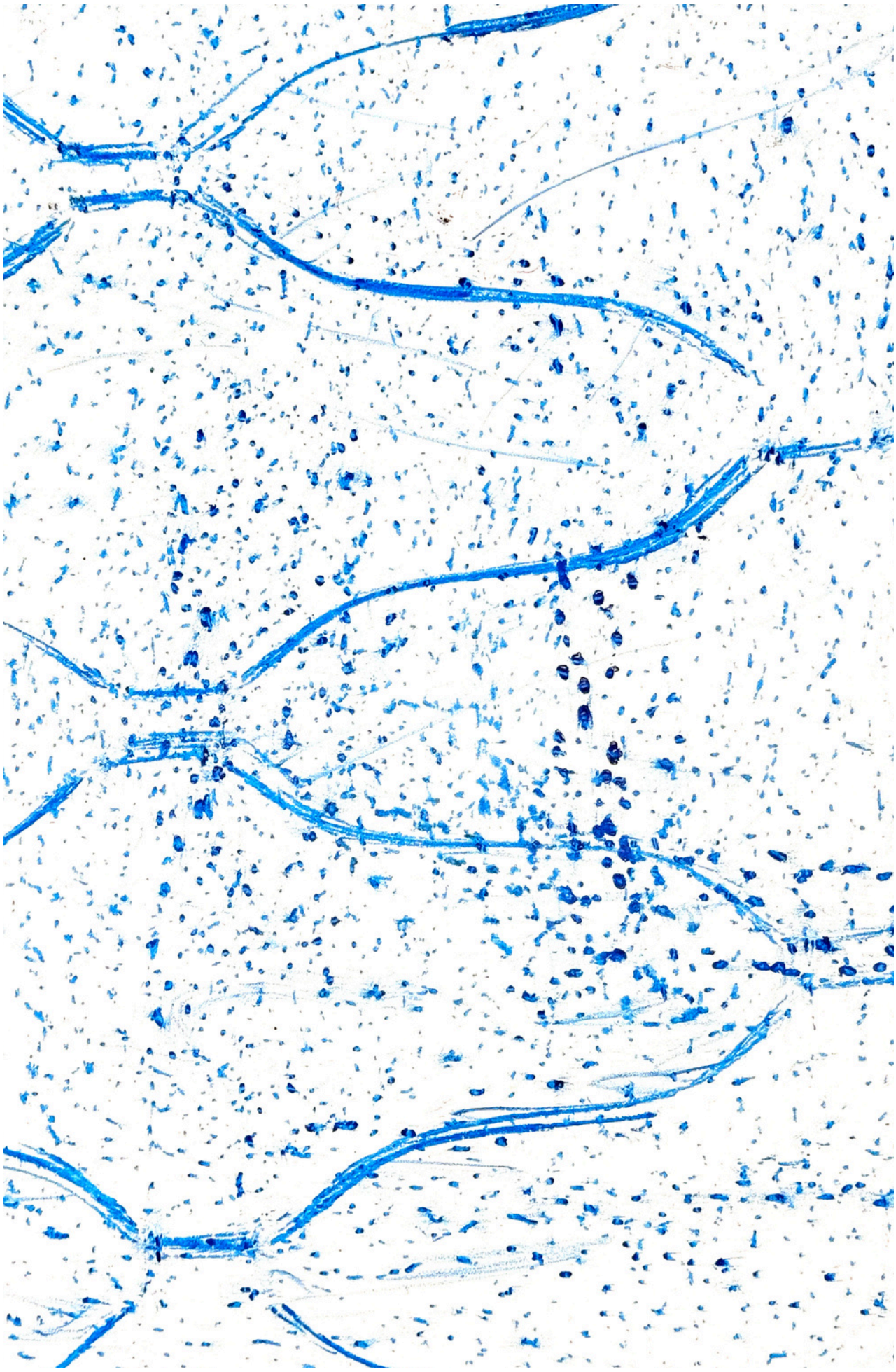


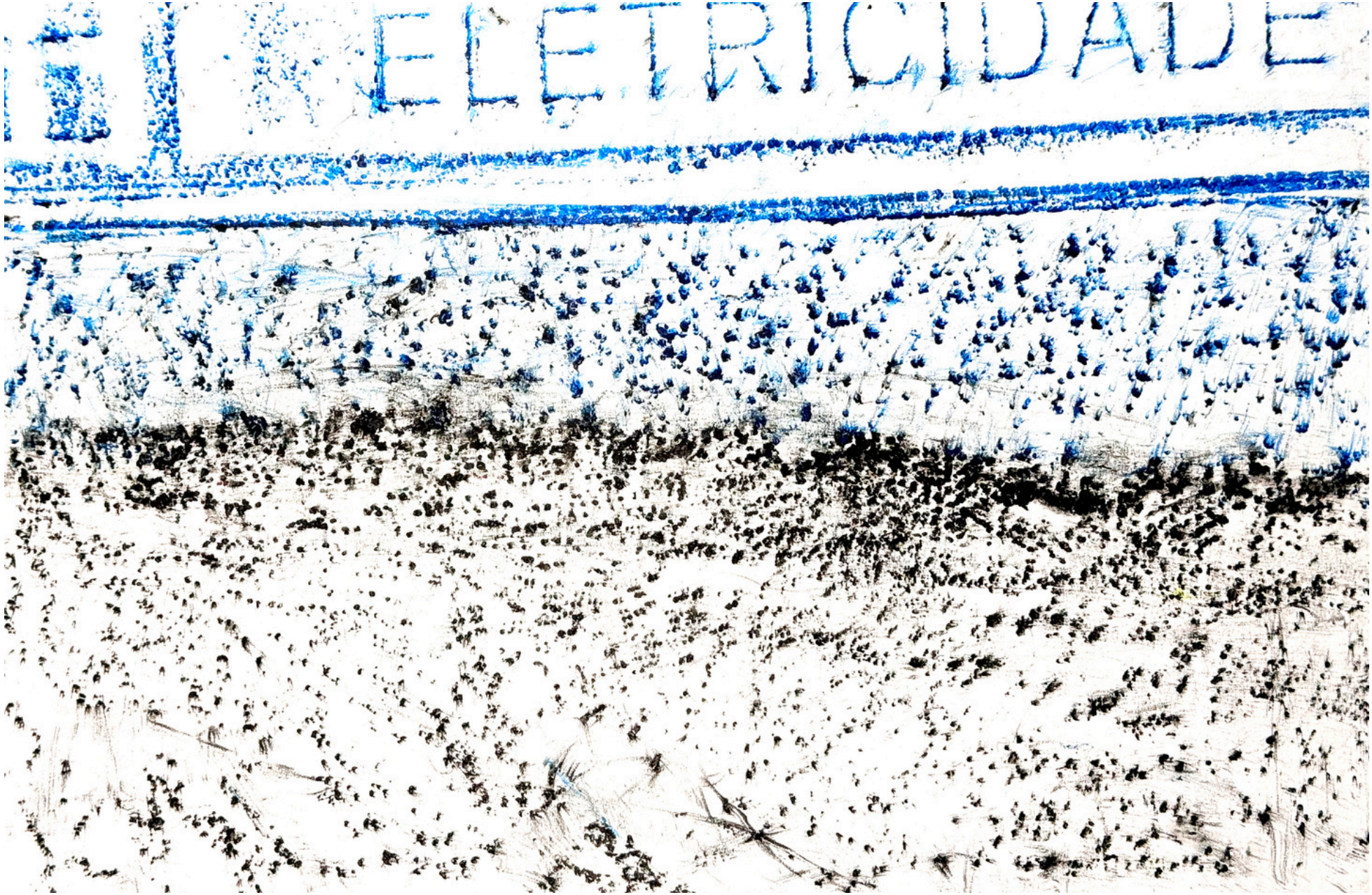


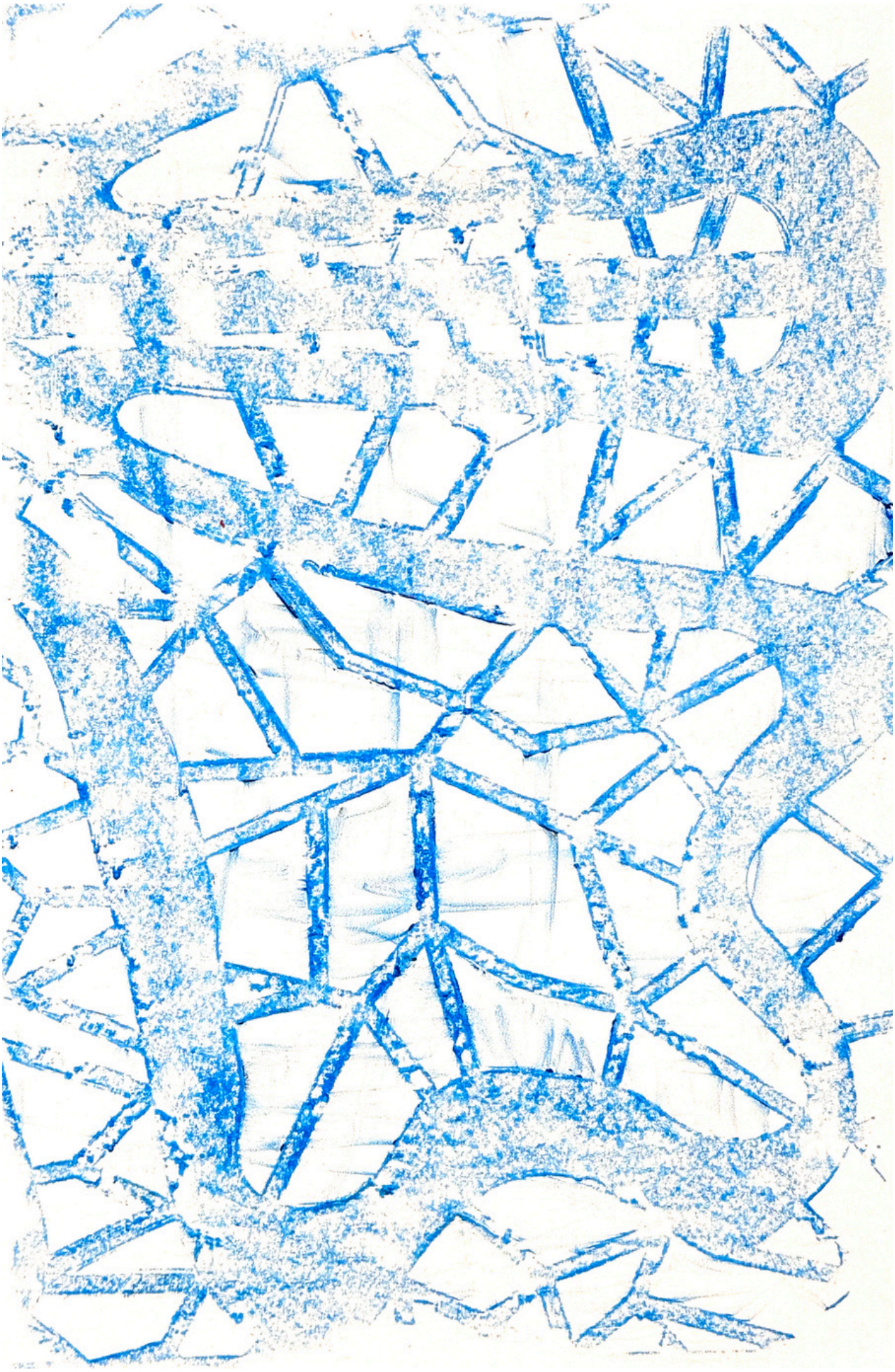









ELETRICIDADE



CLASSE

PERIGO

CIDADE

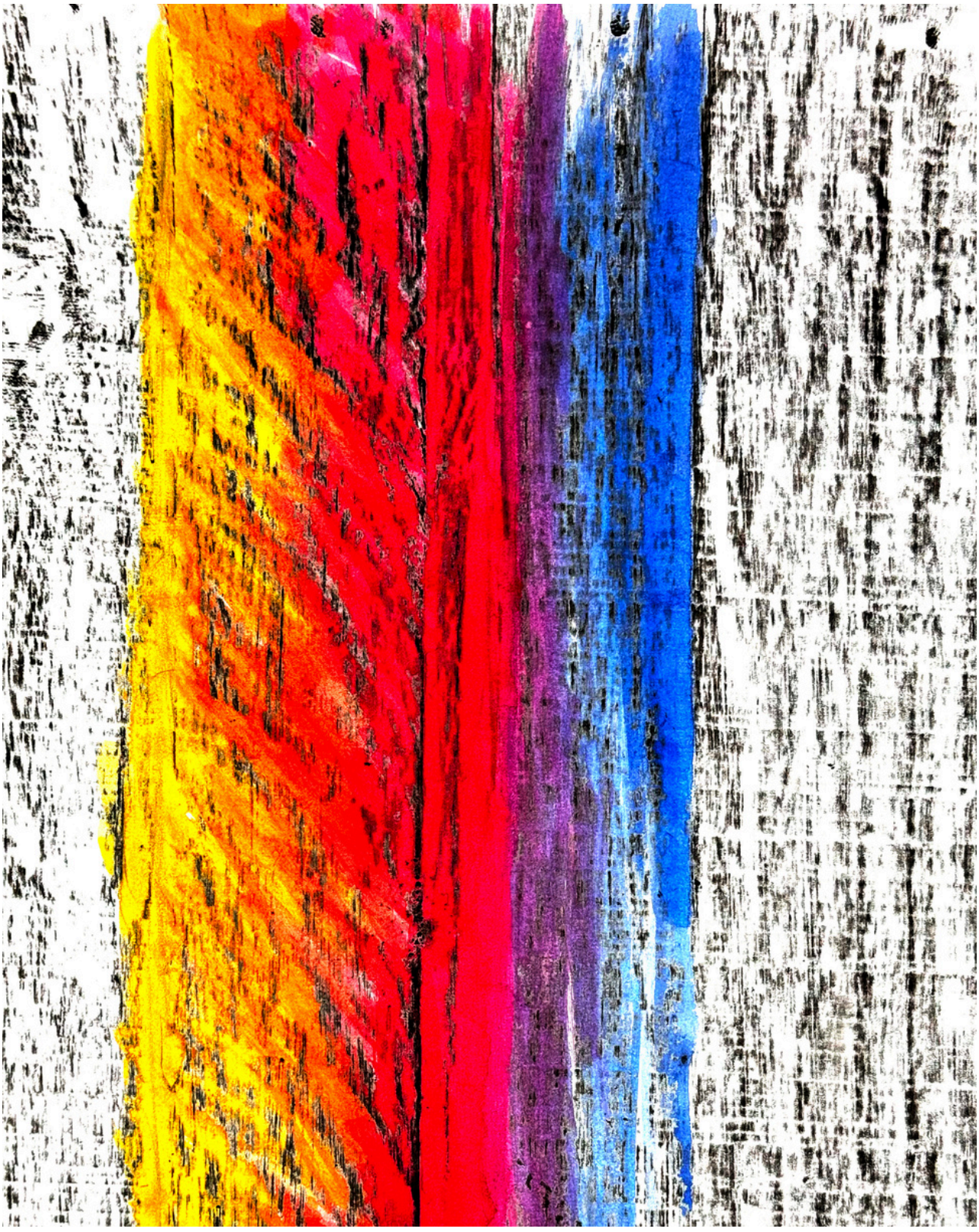
TELEFONE

Largo da Alfândega

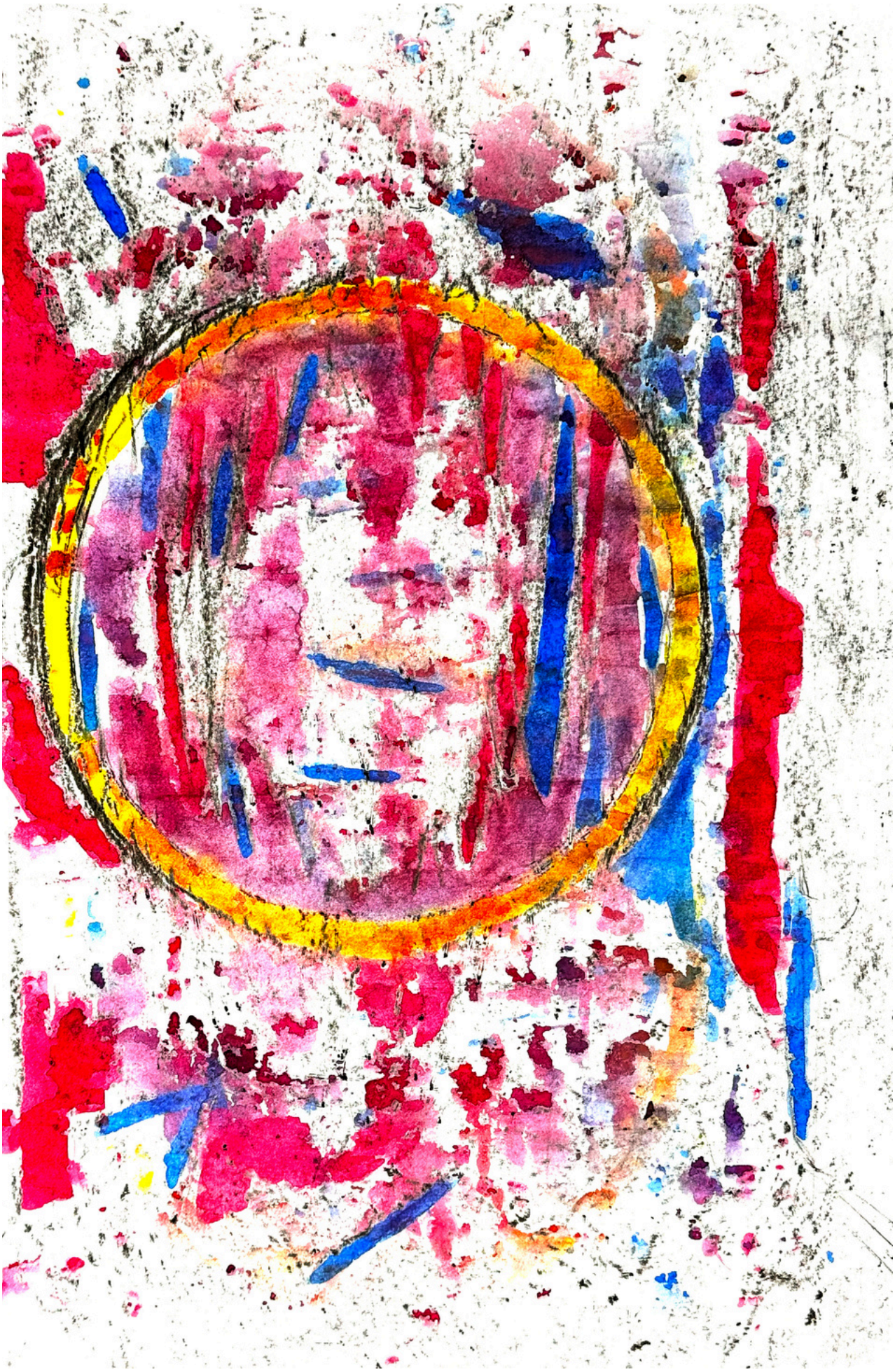
ORIANÓPOLIS

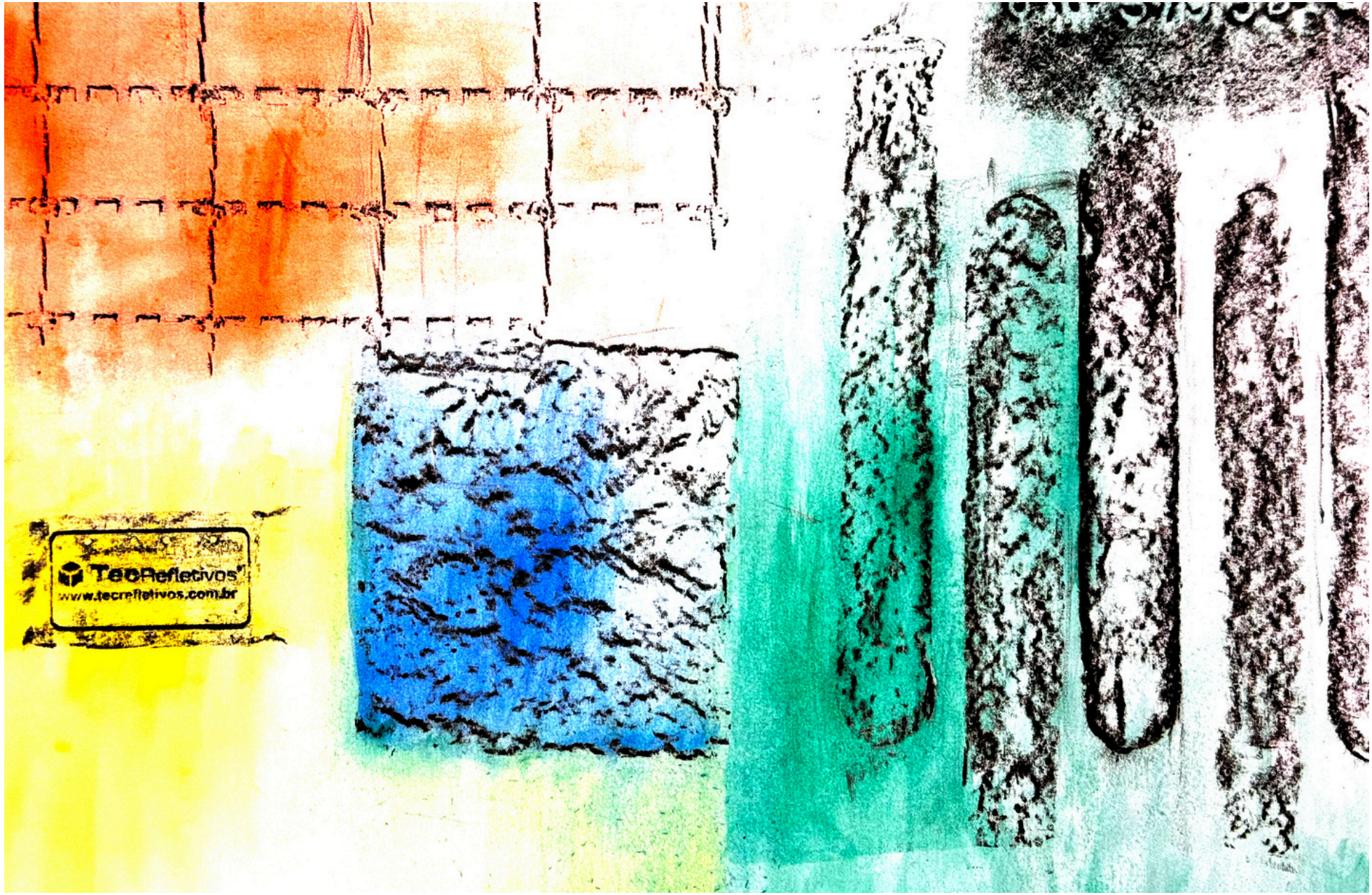
NODULAR

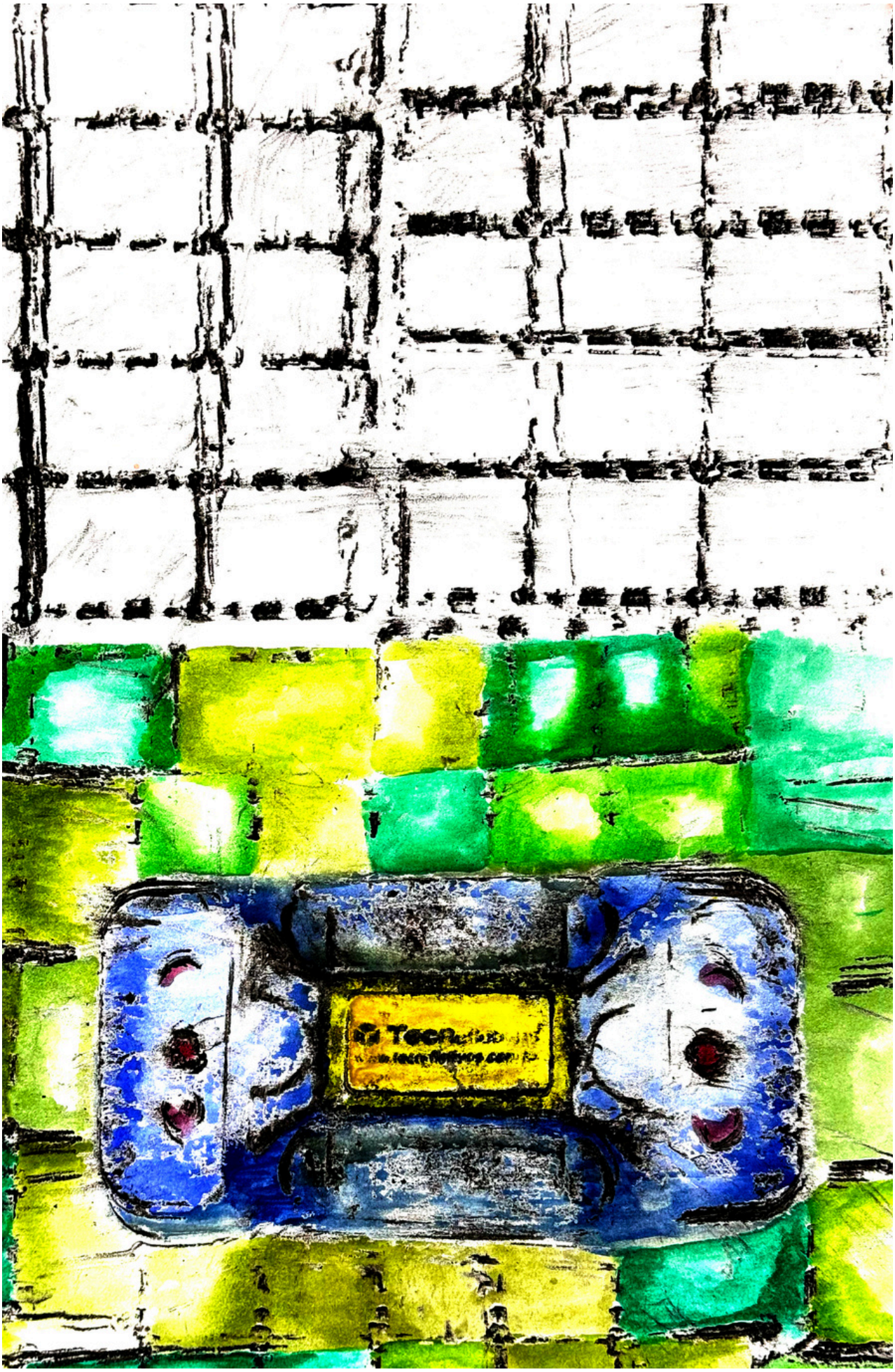
MAJESTIC
MOTEL

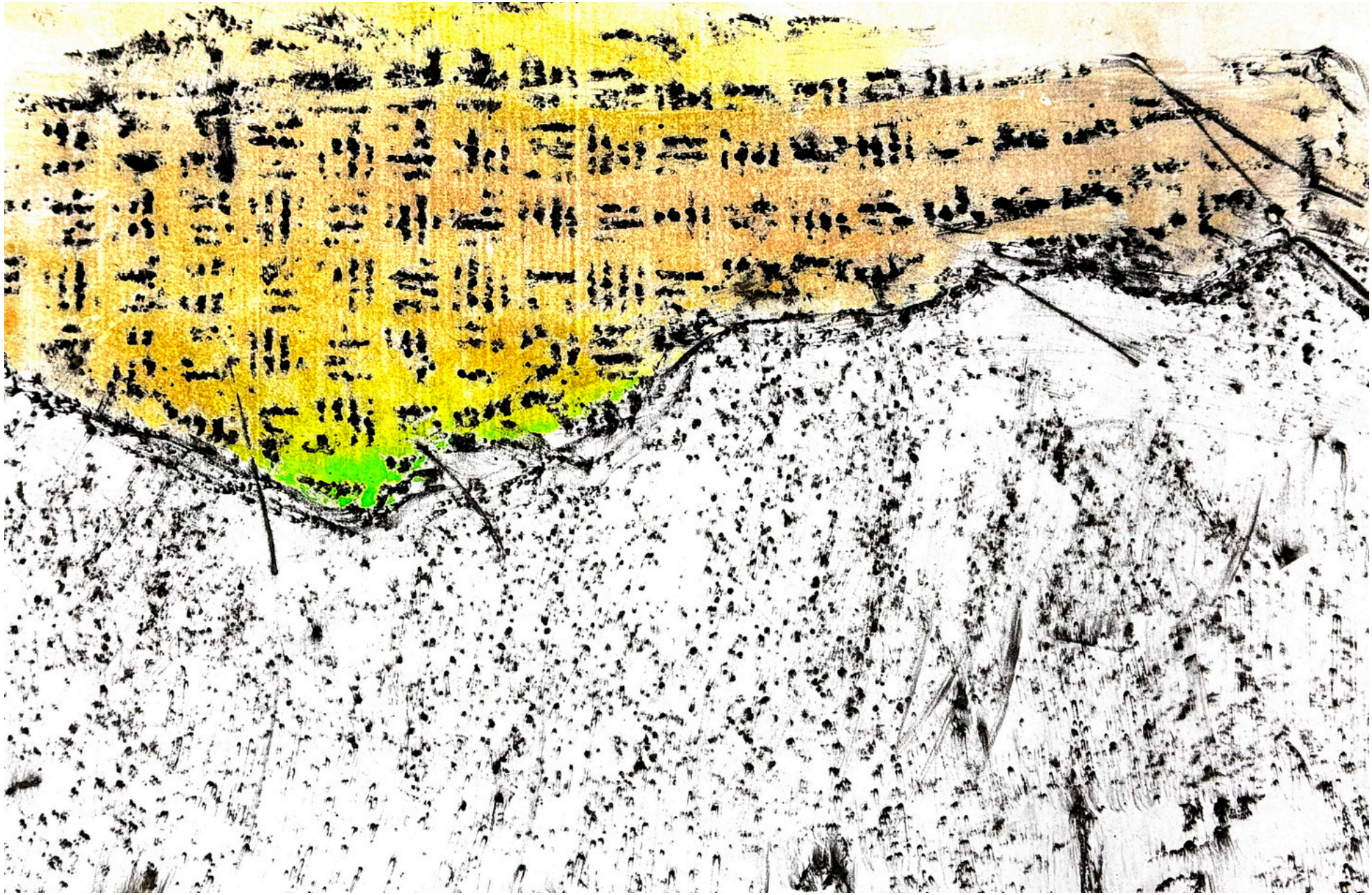


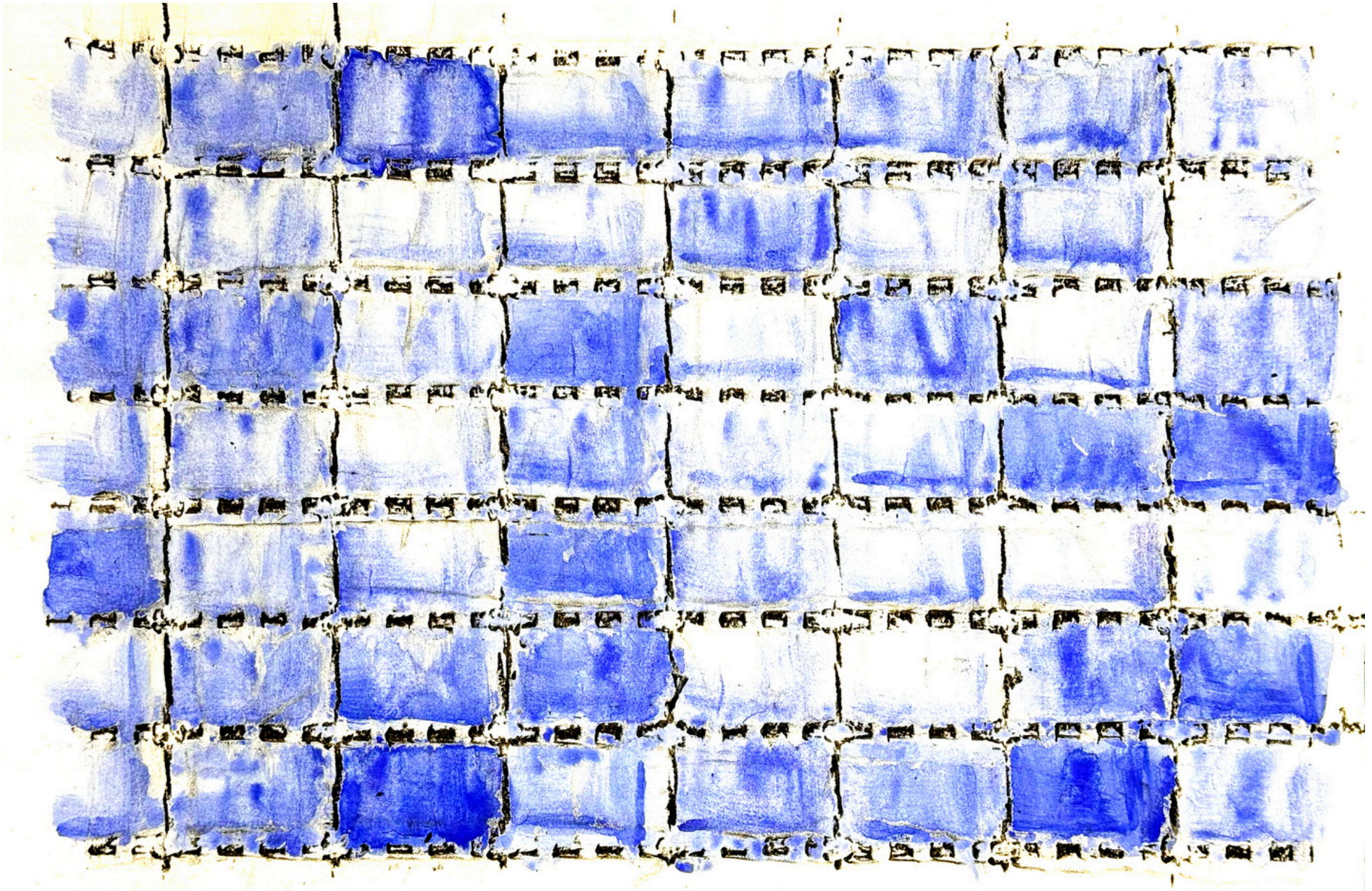
Uma elaboração das camadas da cidade em aguadas sobre fragmentos de texturas urbanas

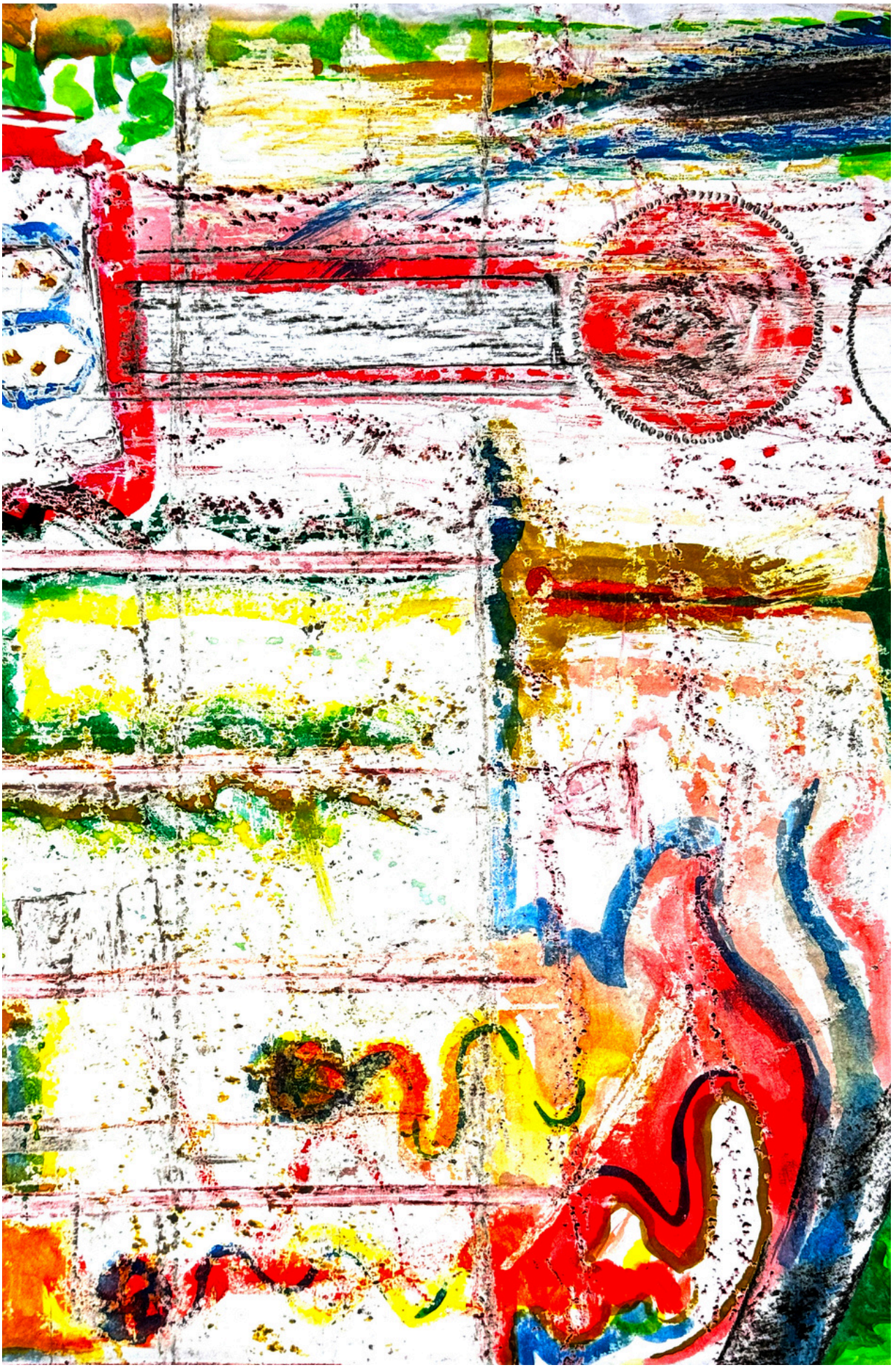


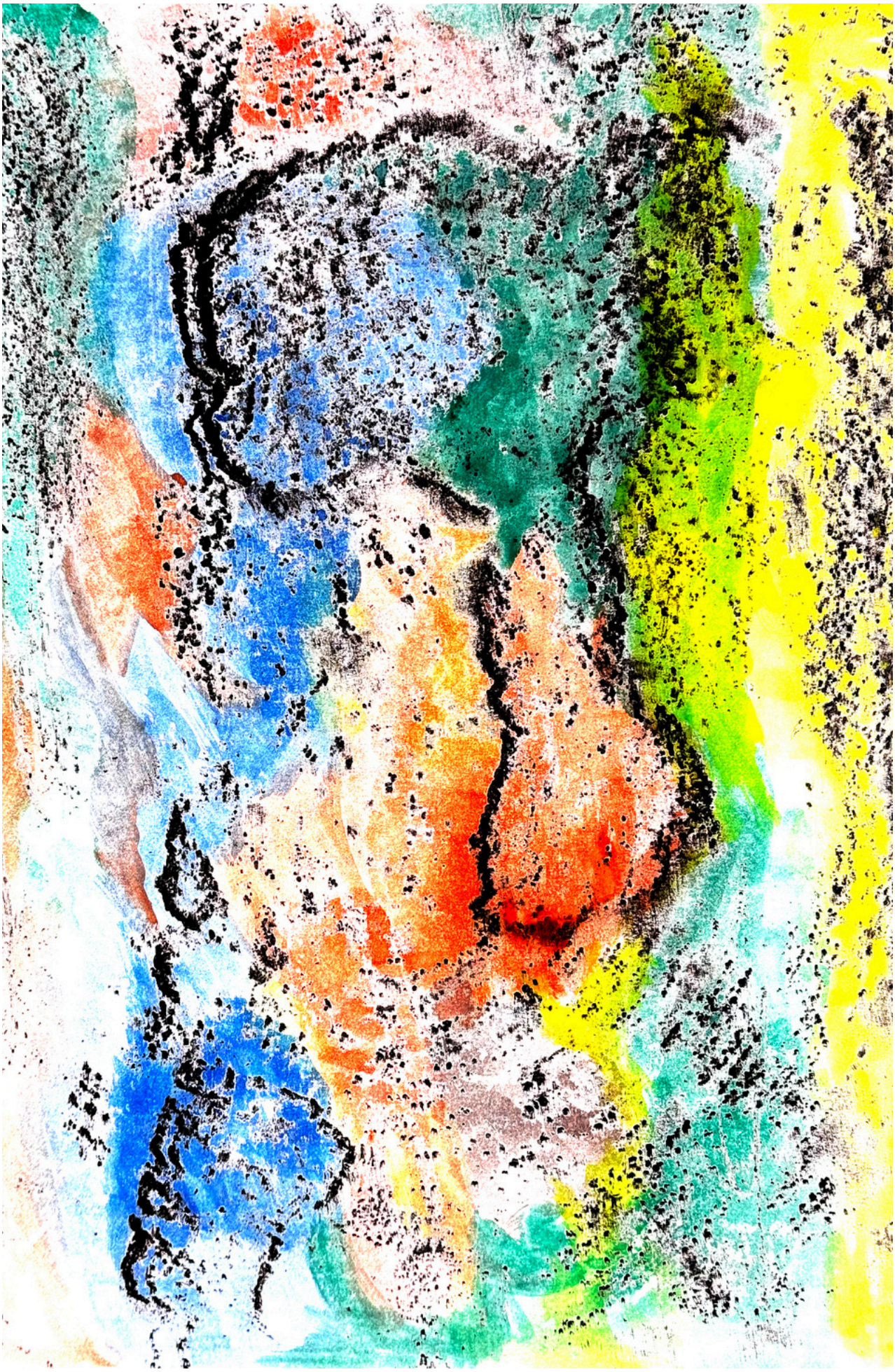

TecRefletivos
www.tecrefletivos.com.br











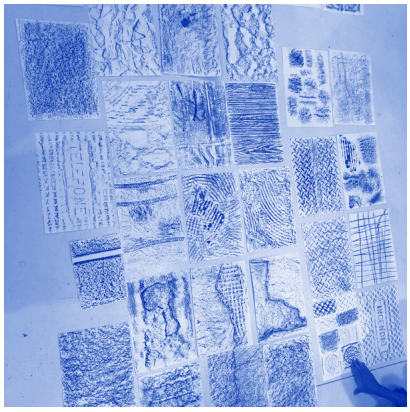
HERCILIO
LUZ
ATERRAMENTO

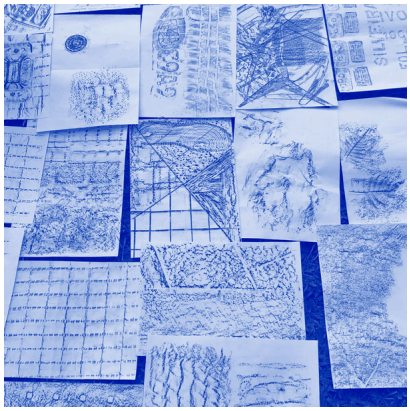
Ampliando o campo e experimentando materialidades: placas cerâmicas como suporte para captura das texturas da cidade

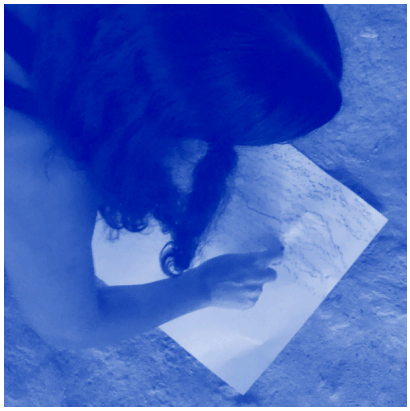
Oficina ministrada por Isabela Sielski

2021

OFICINAS

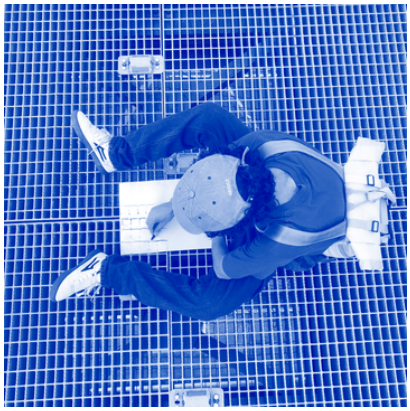


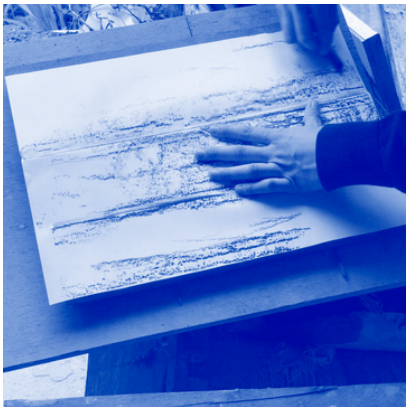




RODRIGO DE HARO

DE VEÍCUL





PEQUENO IN(TER)VENTÁRIO DE TEXTURAS URBANAS

PARTICIPANTES

Alicia Zambon
Camille Camargo Pedrosani
Guilherme Medeiros Ferraz
Isabela Sielski
Jessica Rodrigues
Kellen Melo Dorileo Louzich
Luize Cristina Andreazza Bussi
Matheus dos Santos Alvarenga
Pedro Henrique Werlich
Raiane Ferreira
Ricardo Kipper
Vinicios Nalin
Vinicius Pauli
Vitor Pluceno Behnck

ATELIÊ DE IN(TER)VENÇÕES URBANAS

ORGANIZAÇÃO

Rodrigo Gonçalves
Otávio Hünttemann Martendal
Matheus Santos de Souza

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Otávio Hünttemann Martendal

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Isabela Sielski
Nascida em Florianópolis, é artista visual e dedica-se as artes do barro, cerâmica, escultura, instalação e arte colaborativa. Licenciada em Educação Artística (UDESC) e Doutora em Artes Visuais na UPV, Espanha. Se dedica a esse universo desde 1984, participando de exposições e ministrando aulas de educação artística na ETFSC e no Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto no IFSC. Desenvolveu oficinas de extensão em cerâmica e coordenou durante 10 anos o projeto de design social “Design Possível Santa Catarina”, com o qual desenvolveu diversas ações em comunidades ligadas a cultura da grande Florianópolis.

Luize Andreazza Bussi
Arquiteta e Urbanista de 1997. Doutoranda em Arquitetura pela UFSC e bolsista pela FAPESC investiga a relação entre Memória, Espaço e Alteridade com base na fenomenologia de Lévinas e Merleau-Ponty. e integra o Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade (PósARQ/UFSC). Autora do livro "Ambientes de trabalho: territorialidade para gerações emergentes no pós pandemia" fruto de seus estudos do Mestrado também pela UFSC em 2022. Trabalha com projeto de interiores e atua em Associação sem fins lucrativos no desenvolvimento de projetos de responsabilidade social.

Matheus Souza
Natural de Florianópolis, Matheus é urbanista e arquiteto em formação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como representante discente e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/ARQ), integrando projetos de pesquisa e extensão. Seus interesses acadêmicos e profissionais abrangem projetos arquitetônicos e urbanos, mobilidade urbana, direito à cidade e cultura urbana. Vegetariano que come peixe, Matheus também é ciclista e gosta de nadar, desenhar, criar mapas feitos à mão e explorar trilhas, além de valorizar momentos sociais com amigos e idas ao cinema.

Otávio Hünttemann Martendal
Entusiasta da fotografia analógica, processos manuais e estudante de arquitetura, Otávio é nascido e criado de Santo Amaro da Imperatriz, na grande Florianópolis, tem 24 anos e mescla arquitetura, urbanismo, design e fotografia em seus trabalhos. Atualmente fotografando a noite queer de Florianópolis como forma de estudo da importância da ocupação de espaços noturnos pela comunidade. Trabalho esse que pode ser acompanhado em tempo real através do instagram @otxxvio.

Rodrigo Gonçalves
Rodrigo Gonçalves, conhecido como Gonça, é artista visual, professor e pesquisador em Florianópolis, SC. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC e com estudos em Artes Cênicas na UDESC, concluiu doutorado em Educação na UFSC, investigando corpo, cidade e arte. É Professor Associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC e atua no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, coordenando o Grupo Quiasma, que explora interdisciplinaridade em arquitetura, corpo e cidade.
Entre 2018 e 2023, integrou a Comissão Municipal de Arte Pública de Florianópolis e desde 2023 é associado à Associação Catarinense dos Artistas Plásticos. Seu trabalho artístico abrange desenho, pintura, gravura, fotografia, instalação e intervenções urbanas, com ênfase nas relações entre corpo, espaço e subjetividade. Publicou obras como Perceber o (in)visível (2018) e Corpos fatiados na cidade assintomática (2021), e expõe desde 2019, incluindo coletivas no MESC e BRDE.

Vinicios Nalin
Nascido em Nova Itaberaba, no Oeste de Santa Catarina, pousa entre a arte e a pesquisa. É Arquiteto Urbanista formado pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UnoChapecó) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), onde pesquisou o espaço de representação queer chapecoense. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e integra o Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade (PósARQ/UFSC). Se debruça em pesquisar a diáspora da bixa colona, adentrando ao corpo-tema e às relações que se constituem entre os deslocamentos corpográficos na relação campo-corpo-espaço-cidade. Seu processo de construção artística e de pesquisa vem sendo compartilhado no instagram: @bordadovinis.

Pequeno in(ter)ventário de texturas urbanas é montado a partir de uma proposição de Rodrigo Gonçalves e está articulado ao projeto de extensão *Ateliê de in(ter)venções urbanas: presença e memória na cidade contemporânea* contemplado com o Programa de Bolsas de Extensão – PROBOLSAS UFSC 2024 e desenvolvido junto ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gonçalves, Rodrigo
Pequeno in(ter)ventário de texturas urbanas [livro eletrônico] / Rodrigo Gonçalves, Otávio Hünttemann Martendal, Matheus Santos de Souza. -- Florianópolis, SC : Ed. do Autor, 2024.
PDF

ISBN 978-65-01-26043-3

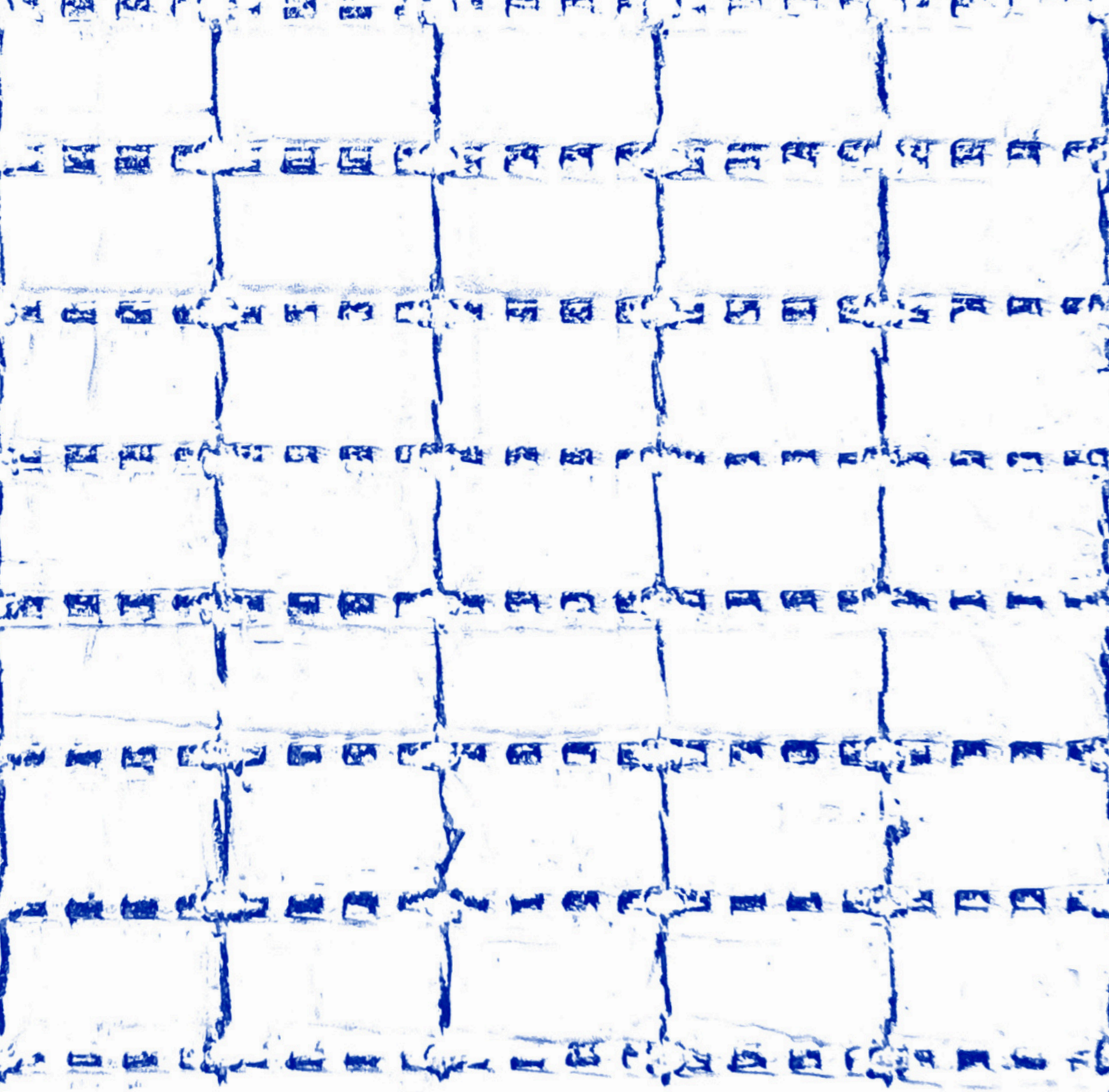
1. Artes 2. Arquitetura 3. Espaços urbanos 4. Desenhos 5. Ilustrações I. Martendal, Otávio Hünttemann. II. Souza, Matheus Santos de. III. Título.

24-242995 CDD-741

Índices para catálogo sistemático:

1. Ilustrações : Artes 741

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



ATELIÊ DE IN(TER)VENÇÕES URBANAS

ARQ UFSC

UFSC

PET arquitetura e urbanismo ufsc

grupo quiasma

estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade